

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GIULIANA CIOLA

**CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DE
ESCOLAS DE DANÇA DE SALÃO: UMA
PROPOSTA E UM ESTUDO DE CASO EM
CAMPINAS**

Campinas
2008

GIULIANA CIOLA

**CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DE
ESCOLAS DE DANÇA DE SALÃO: UMA
PROPOSTA E UM ESTUDO DE CASO EM
CAMPINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Lino Castellani Filho

Campinas
2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

C494c	Ciola, Giuliana. Critérios para avaliação de escolas de dança de salão: uma proposta e um estudo de caso em Campinas / Giuliana Ciola. -- Campinas, SP: [s.n], 2008. Orientadores: Lino Castellani Filho. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 1. Dança de salão. 2. Avaliação. 3. Escolas de dança. I. Castellani Filho, Lino. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.
-------	---

Título em inglês: Evaluation Criteria for Ballroom Dance Schools: a proposal and a case study in Campinas.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Ballroom dance; Evaluation; Dance schools.

Banca Examinadora: Lino Castellani Filho, Livia Tenório Brasileiro.

Data da defesa: 27/11/2008.

GIULIANA CIOLA

**CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DE ESCOLAS
DE DANÇA DE SALÃO: UMA PROPOSTA E
UM ESTUDO DE CASO EM CAMPINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Lino Castellani Filho
Orientador

Banca: Lívia Tenório Brasileiro

Campinas
2008

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que têm sonhos. Se você os tem vá à busca da realização deles. Continuem sonhando, continuem lutando!

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à mãe, pai, Gian, Gra que formam a minha célula, meu centro, meu porto. Vocês que sempre estiveram comigo e me apoiaram em todos os momentos. Obrigada por tudo! Por serem quem são e estarem onde estão! Obrigada por colorirem meus dias e fazer todos os momentos da minha vida únicos e mais felizes!

Obrigada vó, vô, tias, tios, primos... por tudo: família é o berço de tudo! Minha família é simplesmente meu amor!

Agradeço ao Willy Black, Carol Baiana, a Alessandra Nassar, Aldenir Antunes, vulgo Dentinho (ou Bozo, Monstro, Valderramas, Al, ou como queiram chamar - que de um mero amigo de aula, passou a ser um companheiro, sócio, confidente, parceiro de todas as horas), ao Sapo e a Soninha, meus professores de street dance e ballet clássico e contemporâneo; todas essas e outras pessoas que me ajudaram/ajudam a crescer na dança de salão e como dançarina.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte do meu processo de formação desde os primeiros anos escolares aos últimos anos de graduação.

Agradeço em especial ao professor Lino pela paciência, atenção e carinho. Obrigada por todas as conversas sempre muito ricas e com poder de “clarear” meus pensamentos!

Agradeço a Livia, banca desta monografia, por ter aceito o convite e participar desse momento tão importante na minha vida!

Agradeço a Odette Mota Raia e Silvia Motta, Paulo Zanandré e sua esposa Vanessa, Wagner Axé e sua parceira Irene e ao Leo Bilia e Helder Seishi pelo carinho e

atenção que me receberam e cederam os depoimentos. Sem vocês a história da dança em Campinas e, conseqüentemente, este trabalho, não existiriam.

Obrigada amigos: sem vocês acho que muito disso não seria possível! O que seria de nós sem as pessoas que nos rodeiam? Muito obrigada!!!

Muito obrigada!

RESUMO

Dança social ou dança de salão? Existem nomes diferentes para o “dançar a dois pelo salão”, uma prática antiga que se tornou popular. Pesquisas nos mostram que atualmente a prática da dança de salão aumentou consideravelmente. A preocupação com este fato nos trouxe a vontade de realizar este trabalho. No texto trazemos a contextualização histórica da dança em Campinas, no Brasil e no mundo. O trabalho consiste na proposta de critérios de avaliação das escolas de dança, que inclui, entre outros, a infra-estrutura e os recursos humanos das academias. Além disso, trazemos a discussão de alguns casos em Campinas.

Palavras-chave: Dança de Salão, Avaliação, Escolas de Dança.

ABSTRACT

Social dance or ballroom dance? There are some different names to call "the dance in two around the ballroom", an old practice that got popularized. Recent researches show us that the practice of ballroom dance has considerably increased in the last years. This work consists in proposing some criteria for dance academies evaluation that includes, among others, infra-structure and academy staff. In addition, the work discusses some cases in Campinas, using the criteria proposed.

Key-words: Ballroom Dance, Evaluation, Dance Schools.

Havia um grande monte de arroz, cozido e preparado como alimento. Ao redor dele, muitos homens, famintos, quase à morte. Não podiam aproximar-se do monte de arroz. Mas possuíam longos palitos de dois a três metros de comprimento – naquele tempo, os chineses já comiam arroz com palitos.

Alcançavam, é verdade, o arroz. Mas não conseguiam levá-lo a própria boca. Porque os palitos eram muito longos. E assim, famintos e moribundos, permaneciam juntos, mas solitários, curtindo uma fome eterna, próximos de uma inesgotável fartura.

Havia outro monte de arroz. Cozido e preparado como alimento. Ao redor deles, muitos homens, famintos, porém cheios de vida. Não podiam aproximar-se do monte de arroz. Mas possuíam longos palitos de dois a três metros de comprimento. Apanhavam o arroz, embora não conseguissem leva-lo à boca, porque os palitos, em vez de levá-los à própria boca, serviam arroz uns aos outros. E assim, numa grande comunhão fraterna, matavam a fome, juntos e solidários, gozando da excelência dos homens e das coisas.

Do folclore chinês.

SUMÁRIO

1. Apresentação	11
2. Introdução	14
3. Dança de Salão: Um pouco de história	16
3.1. Origem no Brasil e no Mundo: um breve relato	16
3.2. Em Campinas, de Neide Redivo e Odete Mota Raia aos dias atuais: uma história contada por quem viveu	19
4. A Sociedade Moderna e a Dança de Salão	27
5. Escolas de Dança de Salão: um “negócio”?	29
6. A proposta de uma escola “ideal”	30
6.1. Sobre a localização	30
6.2. Sobre o profissional	32
6.3. Sobre a infra-estrutura	33
7. “Quantas sapatilhas?” – A proposta de critérios de classificação	36
7.1. Por que pesos diferentes? A importância de cada subtema	44
8. As escolas de dança de salão – casos estudados	45
9. Considerações Finais	50
Bibliografia	54
Anexos	57

1. Apresentação

Este é um trabalho de conclusão do curso de Educação Física na modalidade de Licenciatura. Sou Giuliana e tenho hoje 22 anos. Apesar de ter vivido bastante, sei que estou somente no começo de uma longa jornada – tanto a jornada da vida como acadêmica. Por ora farei aqui uma breve apresentação: quem sou, como penso e como cheguei até aqui. Na sequência, seguirei com a introdução e os demais capítulos deste trabalho.

Passear no salão ao som de uma música... Que maneira mais maravilhosa de viver! Foi desta maneira que cheguei até aqui. Desde que me conheço por gente, tudo na minha vida sempre acaba em dança – e começa também! E foi assim que comecei e estou terminando a graduação: dançando. Acho que não poderia ser de outro jeito! Dessa maneira, então, conseqüentemente, não poderia deixar o tema de lado justamente no meu trabalho de conclusão de curso já que se trata de um tema tão importante na minha vida. Aqui estou e este é o tema central. Porque dança, para mim, não é, senão, um modo de vida, uma filosofia. E não há lugar melhor que nos movimentos dentro das notas de uma música, na leveza da melodia, nos toques especiais da harmonia e, porque não, junto a tudo isso, dentro de um abraço? Sim, o bom e velho abraço contido na dança de salão onde tudo se inicia, no qual damas e cavalheiros, condutores e conduzidos falam-se, sem palavras, numa conversa intensa, acolhedora, quase que inexplicável.

Danço desde pequena. A dança me move. É uma espécie de “combustível”. É algo intrínseco. Faz parte da minha natureza, da minha personalidade, do meu estilo de vida. Faz parte de mim. Não tenho formação clássica como a maioria das pessoas que se envolvem com a dança. Esta, desde sempre, esteve presente na minha vida. A princípio, no ambiente familiar. Toda a minha família dança: desde os pais aos avós, bisavós, tataravós. Dos ritmos clássicos aos contemporâneos como o samba-rock. Sempre que nos juntamos é motivo para festejar e dançar – ou mesmo quando não estamos todos juntos: qualquer hora é hora de viver a dança, de se expressar através da música!

Minhas primeiras aulas de dança aconteceram quando eu tinha aproximadamente três anos. Acompanhava sempre minha mãe nas aulas de ginástica aeróbica. Lembra daquelas aulas nas quais homens e mulheres se exercitavam realizando movimentos sempre

muito bem coreografados em músicas animadas que era “febre” nos anos 80/90? Eu estava lá! Minha primeira apresentação foi com cinco anos de idade no grupo infanto-juvenil da mesma academia que minha mãe freqüentava. Pouco tempo depois, já em ambiente escolar, tive contato com outros tipos de dança: danças folclóricas, quadrilhas, jazz, ballet... Tive a felicidade de estudar, durante toda a minha infância e adolescência, em um colégio tradicional de Piracicaba que oferece uma grande variedade de aulas curriculares ou não, projetos e eventos que sempre adicionam muito à formação. Aos aproximados dez anos de idade, tive minha primeira aula de dança de salão com meu primeiro parceiro: meu amado irmão. Até hoje me lembro daquela aula de bolero, daqueles professores. Fizemos dois anos de aula e paramos. Aos quinze anos retornei às aulas de dança como monitora de uma turma. Além das aulas, agora estava nos palcos a com dança de salão. Nesse intervalo, participei de algumas peças de teatro nas quais, junto a meu irmão, além de atriz atuei como coreógrafa. Essa experiência foi muito importante para minha formação como “professora” pois foi a primeira vez que estava à frente de um grupo, responsável por coreógrafa-lo. Os anos passaram e, com muito esforço, passei no vestibular e ingressei na Unicamp, no curso de Educação Física – o qual, no ano corrente, termino me graduando, recebendo o tão esperado diploma. Você deve estar pensando agora, por que Educação Física dada à ligação tão forte com dança? Muito simples: na época julguei que uma graduação em dança especializaria muito mais que uma graduação em Educação Física. A graduação em Educação Física me ampliaria os horizontes. Com ela, eu posso atuar profissionalmente não só na área da dança, mas também na área de reabilitação, qualidade de vida, educação escolar, treinamento, entre tantos outros temas que a graduação em Dança não poderia me oferecer.

Quando ingressei no curso tinha uma concepção muito simples do que é Educação Física. Ora, leia quando você lê “Educação Física” logo associa o nome ao seguinte significado: “educar através do corpo”. Hoje sei que esse entendimento não está errado, porém é superficial. Sei que Educação Física é bem mais profundo do que eu pensava na época. Educar o corpo não é só educar o corpo biológico para que este seja um corpo saudável. Educamos o ser como um todo, de uma maneira holística, em seu sentido biológico, psicológico, físico, histórico, cultural... O homem não é um ser formado de partes que se juntam, mas sim um ser complexo. O Homem é um ser social e histórico que

é feito através da sua existência, vivências, experiências e que vive em uma sociedade na qual constrói e é construído, influencia e é influenciado. Neste sentido, concordo com o COLETIVO DE AUTORES quando coloca que *“a educação física é uma prática pedagógica que surge de necessidades concretas, identificada em diferentes momentos históricos, dando origem a diferentes entendimentos do que dela conhecemos”* (2006, p. 53). Educação física, então, é além de uma “disciplina escolar” – como entendia quando mais nova –, um instrumento que é usado conforme as necessidades.

Na faculdade, nos deparamos com diversas teorias e correntes teóricas que nos fazem ver que não existe um consenso no entendimento do que é o homem, do processo da formação do conhecimento. Entre elas está o Marxismo, a Fenomenologia, o Positivismo. Aprendi, contudo, que uma pessoa pode ser radical e seguir exclusivamente somente uma teoria, entretanto, aprendi também que apesar das teorias serem diferentes, na nossa prática diária ora nos aproximaremos de uma teoria ora de outra.

São cinco anos de faculdade. Destes, durante seis semestres fui professora responsável pelo curso de dança de salão oferecido pela Coordenadoria de Extensão e Pesquisa (CODESP) da Faculdade de Educação Física. Além disso, durante todos esses anos ministrei aulas de dança de salão em outros institutos e outros estabelecimentos como academias e hotéis. Outras tantas práticas corporais fizeram parte da minha formação: desde jazz, dança do ventre e outras danças ao kendo e aulas de “jump” em meio aquático. Bem, hoje fico feliz em dizer que aproveitei da melhor maneira esse tempo na Universidade.

Enfim, cinco anos se passaram e chega o momento de sentar e escrever minha monografia, trabalho muito esperado por mim e pela maioria dos meus colegas de curso. E o que fazer? Que tema escolher? Qual o título? Foi aí que conheci o professor Lino, pessoa que foi muito importante para mim neste processo de escolha. Matriculei-me na disciplina “Seminário de monografia” – carinhosamente apelidada por mim de “MH800: a hora da verdade”. Ao me matricular não fazia idéia do trabalho que eu realizaria. Sabia que seria com dança de salão, mas estava um pouco perdida quanto ao foco que daria. As aulas do professor Lino contribuíram muito no momento. As diversas conversas que tive com ele também foram esclarecedoras. Como “lâmpadas em meio ao breu da noite escura”, serviram para dar direção às minhas energias e chegar a um foco. Entendo dança de salão

como conteúdo da cultura corporal, portanto, conteúdo da educação física. Foi pela proximidade, afinidade e preocupação com a qualidade dos serviços que são oferecidos atualmente nesta área que definimos o objeto de estudo. Enfim: cá estamos!

2. Introdução

Dança social ou dança de salão. Existem alguns nomes para o “dançar a dois no salão”. Esta é uma prática antiga que atualmente se tornou popular. E quem dança? Todos. Desde os jovens aos senhores da terceira idade. Tem lugar e ritmo para todas as idades e gostos! A dança além de ser considerada uma atividade física que traz benefícios à saúde, é considerada uma atividade de lazer que propicia a convivência social e o contato com diversas culturas.

Do bolero ao zouk, da salsa ao tango, a procura pela dança de salão atualmente aumentou. Pessoas de todas as idades querem aprender a dançar. Segundo o site da Associação Nacional de Dança de Salão (ANDANÇAS, 2008), o número de praticantes das várias modalidades de dança de salão cresceu 30% entre 2005 e 2006. Isso se deve, principalmente, ao fato de que nos últimos anos a mídia tem deixado a dança de salão em maior evidência através de novelas como “Dance” da Rede Bandeirantes de Televisão e de programas como “O Domingão do Faustão” (com o quadro “Dança dos Famosos”) da Rede Globo de Televisão. Gomes (2008) faz uma interessante colocação sobre o assunto:

Numa época de crise econômica e política, em que as tensões sociais se agravam, em tempos de desemprego, violência, conflitos ideológicos, desencanto, poucas esperanças, raras alternativas e queda acentuada da qualidade de vida, marcadamente nas grandes concentrações urbanas, como é bom dançar e se movimentar, para descarregar tensões, exorcizar fantasmas, exprimir livremente sentimentos e emoções, encontrar novos amigos e, até - quem sabe? - um novo amor!...

E como atrativo adicional, mas não menos importante, a dança é um divertimento barato, em comparação com outros e, em muitos casos, como temos visto, tem se tornado, também, para um número cada vez maior de seus adeptos, numa lucrativa fonte de renda, numa forma prazerosa de ganhar a vida. (GOMES, 2008).

O aumento da procura levou ao aumento da oferta do serviço. Nos dias de hoje encontramos um professor de dança de salão em cada esquina. Qualquer um “pode” ser professor em qualquer tipo de estabelecimento. É exatamente por estarmos preocupados com a qualidade dos serviços oferecidos e dos estabelecimentos que surgiu a idéia de realizar este trabalho. A idéia inicial era realizar um estudo de caso sobre a realidade das escolas de dança de salão e das aulas da modalidade em Campinas. Primeiramente, faríamos um levantamento de todos os estabelecimentos que oferecem dança de salão no município. Em seguida, verificaríamos em que condições esse serviço é oferecido. Esse tipo de estudo requer certo tempo de dedicação, que não tínhamos no momento. Desta maneira, optamos por reduzir um pouco o estudo: invés de visitar todos os estabelecimentos que oferecem o serviço, visitaremos apenas alguns deles – os mais tradicionais e voltados para a modalidade (o que aqui chamaremos de “escolas de dança salão”). Antes disso, proporemos, a partir da discussão de textos, conversas e entrevistas, um “ideal”: como os estabelecimentos deveriam ser para oferecer um mínimo de qualidade no serviço para seus clientes. Na seqüência, definiremos critérios para a classificação desses estabelecimentos em “sapatilhas” (1, 2, 3, 4 e 5) fazendo uma analogia à classificação de hotéis feita pela Embratur (Empresa Brasileira de Turismo).

Dividiremos o presente trabalho em três momentos principais: Primeiramente uma contextualização histórica da dança de salão a nível mundial, nacional e, por fim, municipal. Num segundo momento, apresentaremos o “ideal”, os critérios e discutiremos as razões pelos quais eles foram definidos. Neste mesmo capítulo, apresentaremos os dados coletados em campo. Por fim, discutiremos os dados e traremos nossas considerações finais. Sabemos a importância de um estudo da grandeza do que pretendíamos fazer inicialmente e pretendemos continuá-lo após a conclusão deste. Este, não é senão, somente o início de uma longa jornada!

3. Dança de Salão: Um pouco de história

Faremos agora uma breve contextualização histórica sobre a dança de salão: no mundo, no Brasil e em Campinas.

3.1. Origem no Brasil e no Mundo: um breve relato

A dança é uma das manifestações mais antigas da humanidade. Para ARRUDA (1988, p. 10) “é um dos meios através dos quais todos os povos expressam sua cultura, sua relação com a natureza e com os homens”. Teve início com movimentos naturais para representar necessidades, emoções e sentimentos. Integrava rituais dedicados aos deuses, objetivando pedir auxílio para a realização de boas caçadas e pescarias, para que as colheitas fossem abundantes, para que fizesse sol ou chovesse. A dança fazia parte, também, de manifestações de júbilo e conagração pela vitória sobre inimigos e por outros eventos felizes. Com o passar do tempo, cada povo desenvolveu sua maneira de dançar, seus gestos específicos, caracterizando suas diferentes culturas. Dependendo de seus objetivos, surgiram diversos tipos de dança:

“(...) a guerreira, a teatral, a ritual ou religiosa, a popular ou folclórica (geralmente dançada em festas populares, em grupos e ao ar livre), o balé clássico e a dança moderna (artísticos e mais voltados para espetáculos), a dança social ou de salão, a dança esportiva, o balé no gelo ou patinação artística e outros tipos” (GOMES, 2007).

Atualmente existem poucos textos acadêmicos que tratem da história da dança e da dança de salão no Brasil. Depois de terminar este estudo temos a pretensão de pesquisar mais sobre o assunto e escrever, ao menos um texto tratando somente sobre o tema, por considerarmos importante à nossa cultura. Neste, traremos um pouco do que conseguimos em alguns artigos, notas em revistas, jornais e algumas referências encontradas na internet.

A dança de salão ou dança social praticada por casais, surgiu, segundo GOMES (2008), na Europa, no Renascimento, em reuniões sociais. Nos séculos XV e XVI,

continua, tornou-se uma prática de lazer muito apreciada, tanto nos salões dos palácios da nobreza, como entre o povo em geral. Aqui no Brasil, chegou trazida pelos colonizadores portugueses, ainda no século XVI e, mais tarde, pelos imigrantes de outros países da Europa que para cá vieram. O Rio de Janeiro, como capital do Brasil desde o período colonial até 1960, sempre foi o pólo irradiador de cultura, modismos e inovações em geral para o resto do país. Gomes (2008) afirma que em 1808, depois que a corte portuguesa transferiu-se para o Brasil, trouxe consigo muito da cultura, gostos e hábitos sociais europeus e a dança social foi uma das práticas que começaram a ser realizadas aqui no país. O primeiro registro da dança enlaçada, segundo Rodrigues (2006), é de 1837, sendo a valsa o primeiro ritmo. Sobre isso, Perna (2001, p. 16) conta que *“A valsa é uma dança ternária que, no Brasil, desenvolveu características próprias, como andamentos bem lentos e um esquema de modulações similar aos da polca, sendo dançada até hoje em bailes de debutantes e casamentos”*. Na sequência da valsa aparece a polca. Rodrigues (2006, p. 12) traz que

Em seguida à valsa, aparece a polca. Essa dança, ao contrário da valsa, se popularizou rapidamente e virou uma mania. Chegou ao Brasil em 1845, na cidade do Rio de Janeiro, onde foi dançada por uma companhia francesa de teatro.

Ainda sobre a polca, Perna (2001, p.17) continua

A polca tornou-se mania a ponto de formar a sociedade Constante Polca em 1846, além de bailes oferecidos pelo Hotel Itália, localizado no Largo do Rocio (grande), atual Praça Tiradentes. De dança de salão, a polca logo ganhou teatros e ruas tornando-se música eminentemente popular (...).

Raquel Mesquita em seu artigo na internet (2008) relata que no ano de 1870, Dom Pedro II, então imperador, busca na Europa profissionais de dança de salão para dar aulas à elite imperial. Ela coloca em seu texto que:

As quadrilhas, minuetos, marzucas, xotes, polcas e outras danças clássicas encantavam os europeus. Sendo ele um admirador desta arte, importa-a e

favorece esta prática à sua corte. Desenvolveu-se de tal forma que passou a tomar dimensão de lazer como também passou a ser um dos indicadores para uma boa educação. Saber dançar passou assim, ser um dote... ...As outras camadas sociais mais pobres já dançavam, mas não há nenhum registro oficial. (MESQUITA, 2008)

Num país como o Brasil, com tão fortes e diferentes influências culturais, não tardaram a se mesclar contribuições dos povos indígenas e africanos, num processo de inovação e modificação de algumas das danças européias importadas, bem como de surgimento de novas danças, bem brasileiras. Gomes (2008) complementa trazendo que

O próprio Imperador D. Pedro II foi um grande apreciador das quadrilhas, dançando todas que eram tocadas nos bailes a que comparecia. Só mais tarde, muito modificada, esta dança virou a quadrilha caipira das festas juninas, como a conhecemos hoje.

A primeira escola que se tem conhecimento aqui no Brasil é a Escola de Boas Maneiras e Dança de Salão de Madame Poças Leitão, uma senhora russa que veio para São Paulo em 1914, fugindo da primeira guerra mundial. Louise Frida Reynold era seu nome. Logo percebeu que os jovens das famílias mais abastadas necessitavam urgentemente de noções básicas de “etiqueta”. Fundou então a aristocrática “Escola de Dança de Salão e Boas Maneiras”, em São Paulo. A dança de salão estava incluída no conhecimento básico de etiqueta, era indispensável na vida social requintada. Sobre este assunto, Salvagne (2007) diz que:

Madame Poças Leitão representou a primeira (senão única) e mais importante escola de dança de salão nas classes altas, em contraste com inúmeros professores que atuavam principalmente na periferia de São Paulo e Rio de Janeiro, vários associados às casas de prostituição e/ou bailes populares. Assim, graças a essa divisão por classe econômica e nível social do início do século, até hoje se define duas linhas básicas de trabalho e duas histórias da dança de salão paralelas - com alguns pontos em comum, outros contrastantes.

Até a década de 1960, os bailes eram um dos eventos sociais mais importantes e populares de todas as idades e camadas sociais. Nos bailes, as pessoas se divertiam, faziam

negócios e novos amigos, muitos namoros começavam, enquanto outros casais faziam as pazes, depois de brigas e desentendimentos. *“Muitas vezes, até problemas de ordem política e econômica, que afetavam o país, eram discutidos em bailes diplomáticos e outros, aos quais compareciam dirigentes da nação”*, nos afirma Gomes (2008).

Com o aparecimento das discotecas, as pessoas passaram a dançar de maneira mais descontraída, sem se tocar. A dança de salão perdeu destaque. Não desapareceu, mas passou a ser vista como uma manifestação fora de moda, praticada por pessoas mais velhas e conservadoras ou por membros de camadas sociais menos favorecidas, no interior do país e nas periferias das grandes metrópoles.

Depois de certo tempo, no fim dos anos 80, a dança de salão ressurgiu com a lambada:

O sucesso internacional da lambada, nos anos 80, facilitou o caminho de redescoberta da dança a dois pelos mais jovens, nascidos e criados ao som dos ritmos de discoteca. E voltando a cair no gosto do público jovem, a dança de salão vem passando pelo processo de renovação e expansão a que todos nós estamos testemunhando, no momento (Idem, 2008).

3.2. Em Campinas, de Neide Redivo e Odete Mota Raia aos dias atuais: uma história contada por quem viveu

Continuando nossa passagem sobre a história da dança de salão e as escolas destinadas ao ensino desta modalidade, não poderíamos deixar de dedicar um subitem para a história das casas de dança de salão de Campinas. Existe muito pouco escrito sobre a história da dança em Campinas. Para descrevê-las buscamos relatos das pessoas que fizeram e fazem parte dessa história na cidade.

Primeiramente, recorremos aos arquivos e documentos da prefeitura. Pouco encontramos. Na biblioteca municipal encontramos uma seção chamada “hemeroteca de jornais”. Esta é constituída por diversas pastas de temas variados que contêm notícias de jornais diversos que contam a história da época. Na hemeroteca procuramos por “bailes”, “dança de salão”, “academias de dança de salão”, “professores de dança de salão”, “dança”

e “academias de dança”. Somente na busca pelo último tema citado que obtivemos sucesso. Nesta pasta tivemos conhecimento da primeira escola de dança Campinas. Tratava-se da escola de dança “Lina Penteado”, que era de uma senhora que deu o próprio nome à escola. Lá, na época, ela ensinava danças clássicas como o ballet e as garotas mais abastadas da cidade dançavam na companhia.

Na prefeitura, conseguimos a indicação para visitar o Museu Municipal e o Conservatório Carlos Gomes. Também não encontramos muitas informações relevantes lá. Foi então que decidimos visitar as escolas de dança de salão mais antigas da cidade. A primeira visitada foi a “Escola de Dança Paulo Zanandré”, que foi a primeira escola de dança que ministrava somente aulas de dança de salão. No depoimento que nos cedeu Paulo Zanandré comenta que foi o pioneiro em “escola de dança específica de dança de salão”. Hoje ele tem 41 anos e há 22 trabalha com dança de salão profissionalmente. Quando perguntamos a ele sobre a história da dança de salão em Campinas ele diz que

Considero que a dança de salão em Campinas pode ser dividida em duas fases: antes e depois da lambada. Antes da lambada, quando eu era moleque, eu ia para muitos bailes. Tinha muito baile nos clubes. Pelo que me lembro, a Neide Redivo foi a primeira professora. Ela e a Odette Motta Raia. Ela, a Neide, vivia a dança de salão. Isso foi mais ou menos em 1986, 1987. (ZANANDRÉ, Anexo 1)

Sobre esta época ainda, felizmente conseguimos contatar Odette Motta Raia que, atualmente, não mora em Campinas. Numa passagem rápida pela cidade, encontramos-a e, aos 85 anos de idade, nos cedeu seu depoimento. Nascida em 1923, conta que sempre gostou de dançar. “Danço desde pequena”, relata.

Nos meus tempos de adolescência, moça de família não dançava. Papai contratou um professor russo. Eu tinha, naquela oportunidade 12 anos. Então por aí a gente já vê o ano (1935). E eu fazia escondida porque naquela época realmente moça de família não podia fazer aula de dança. Aí eu fui fazendo, fazendo, até que chegou ao Brasil a Maria Oneneva. Aí ela abriu uma escola em São Paulo e eu comecei a fazer aula de dança com ela, dancei no corpo de baile dela e continuei com dança. (RAIA, Anexo 2).

Quando perguntei como que se dançava, todos os entrevistados colocaram que a dança era diferente do que acontece hoje. Paulo Zanandré (Anexo 1) relatou de maneira simplificada como acontecia

A gente fazia mais “dois para lá e dois para cá”. Era o mais simples e cada um fazia sua “brincadeira”. Quem fazia diferente era quem tinha o talento. Criava mais. Enfeitava mais. Todo mundo dançava bem. Não tinha essa de “dançar estranho” como a gente fala hoje. Simplesmente se dançava “diferente”.

Sobre as aulas de dança, Odette não determina exatamente quando começaram, mas relata que

Depois de um tempo de academia, pessoas começaram chegar a procura de dança de salão. Mamãe (Ernestina Motta) que dançava muito bem, tocava piano e cantava, assumiu o curso de dança de salão ministrando todos os ritmos. Eu assumi também esse curso dando aulas de ritmo porque notei que muitos alunos tinham dificuldades. Iniciamos o curso com a “Valsa”! Como a marchinha, o samba, o tango, o bolero, chorinho, maxixe e fox trote. Esses ritmos ainda se conservam em bailes tradicionais e da Saudade. Quem procurava dança de salão eram os senhores, senhoras, pessoas de todas as classes sociais e idades. (RAIA, Anexo 2).

A respeito da noite campineira, Paulo, ainda, em seu relato, trás informações que somam. Conta que além dos grandes bailes tradicionais no Clube dos Veteranos, Dr. Betim,

(...) Tinha os forrós, mas era mais as empregadas doméstica, o nordestino, a classe menos favorecida que freqüentava. E eu ia! O pessoal dizia que lá tinha os homens com as peixeiras, diziam que tinha muita violência. Havia era muito preconceito. Essas pessoas eram humildes. Elas vestiam sua melhor roupa para ir dançar. (ZANANDRÉ, Anexo 1)

Ainda sobre a noite campineira, Amaury, que foi um dos primeiros professores de dança de salão de Campinas, junto com Paulo Zanandré, Wagner Axé e Celso Jacinto, em depoimento conta que

(...) os clubes ofereciam bons bailes, com boas orquestras. O pessoal se encontrava para sair. Nos áureos tempos tinha o Concórdia – que tem mais de 150 anos –, o Clube semanal de Cultura Artística, o Dom Quixote, na Rua Onze de Agosto, o Betim, o Clube dos Veteranos... (FERNANDES, Anexo 3)

Sobre as aulas de dança, Amaury contribuiu bastante ao lembrar de algo que nenhum dos demais entrevistados citou: a dança de salão como parte da disciplina “Educação Social”, disciplina obrigatória em escolas particulares.

As danças sociais, na década de 30, fazia parte da grade curricular das escolas particulares. Fazia parte da “Educação Social” que formava a pessoa como um todo: a parte intelectual e a parte social. E uma das matérias dessa disciplina era a dança de social. Era aula de etiqueta. E quem dava aulas de dança eram mulheres, não víamos homens. As pessoas tinham que saber dançar. Elas tinham que ter aulas de dança para poder ser um cidadão de verdade. Se as pessoas não soubessem dançar, não era uma pessoa ‘sociável’. (FERNANDES, Anexo 3).

Sobre as aulas de dança nas décadas de 50, 60, Odette, que foi uma das primeiras professoras de dança de salão, antes dos professores supracitados, conta que as que ela ministrava tinham características diferentes das que acontecem atualmente.

As aulas não eram dadas ou ensinadas como hoje, onde formam grupos grandes e ensinam todos ao mesmo tempo. Antigamente, no meu tempo de academia, as aulas eram diferenciadas, individuais. Quando chegavam os casais, eu e mamãe pegávamos separadamente o casal para ensinar o ritmo, os compassos corretos para cada um. Depois que dominavam bem o ritmo, nós juntávamos os casais. Quando a aula era individual usávamos o mesmo processo. Quando prontos, já podiam freqüentar a sociedade. Esse método, claro, e bem mais trabalhoso porque o ensino era totalmente individual e hoje, é bem mais fácil e prático, porém em minha opinião eu acho que da maneira antiga era mais proveitoso e o aluno aprendia mais rápido e correto porque as atenções eram totalmente voltadas para o aluno. Bem, nunca tivemos grandes grupos para

ensinar, era no máximo 5 casais para render o trabalho e ter qualidade de ensino e atendimento. (RAIA, Anexo 2).

Sobre a mesma época, Paulo (Anexo 1) nos lembra que, paralelamente às aulas de Odette, Neide Redivo “(...) dava aula nos clubes tradicionais e tinha também muitas aulas particulares. Ela também dava aulas em grupo. Mas tudo isso era meio que ‘no gueto’. Era uma coisa para velho, diferente do que é hoje. E era para casais. Não tinha solteiro não”.

O tempo passou, e como visto no subitem anterior, veio a época das discotecas. Assim como no resto do Brasil, durante esse tempo a dança de salão deixou de estar em evidencia. Ressurgiu então com a lambada. Como Paulo diz “A lambada foi um sonho inesquecível”. Paulo fez parte desta história assim como Vagner Axé Rodrigues, Celso Jacinto, Lucy Fornier e Amaury Fernandes. Para tratarmos da “segunda parte” da história da dança de salão, inicialmente, traremos um comentário do Amaury. Ele conta que antes dele tinha a Lucy,

(...) foi ela quem me chamou para dar aulas de lambada na academia dela, que ela tinha com a Cacilda Ikesire, uma japonesinha, que hoje, inclusive, está no Japão (...) Ela me chamou para dar aulas específicas de lambada. Ela (Lucy) e a Cacilda davam aulas de bolero, samba, o galeguinho antes e, depois, eu fui com a lambada. O Paulo Zanandré também dava aula nessa época. Ele começou a dançar na noite. Ele tocava também com o grupo musical dele, dava aulas de natação, depois se enveredou para os lados da dança de salão. (FERNANDES, Anexo 3)

Traremos agora, uma grande parte da história contada pelo próprio Paulo, completando sobre a fase “pós-lambada” em Campinas.

Quem trouxe a lambada para Campinas foi o Luis, dono da boate Griff. A Griff era a “Cooperativa Brasil” para os universitários. A gente já dançava lambada. Mas dançava porque conhecia pela televisão. Aí, o Luis me convidou para buscar o casal de professores em São Paulo para dar um curso de lambada. Depois eu assumiria as aulas. O casal era de Porto Seguro. Ela trabalhava com danças brasileiras, folclóricas e ele com a lambada. Ele um baixinho feio e ela

uma morena muito bonita que simpatizou comigo e por isso me ensinou muito (...) A lambada foi uma febre mundial não só aqui no Brasil, como o forró.

Depois que eles me ensinaram assumi junto com a Marcinha, Raquel e a Helena. As duas ultimas ficaram pouco. Já a Marcinha não. Ela dançava muito, inclusive foi minha parceira. Mas depois ela também casou e engravidou. Aí, depois Campinas começou a ficar pequeno e eu fui fazer cursos em outros lugares. Fui para São Paulo fazer mais cursos. Nós, os professores e dançarinos, trocávamos muitas informações, experiências. Nada era pago. Era tudo por amor (...) Aí, começou um querer a passar o pé no outro. Acho que foi aí que começou a comercialização da dança.

Eu já dava aula antes da lambada. Na Griff, no Cambuí tinha um bar que eu dava aulas, em casa na garagem... Eu ministrava aulas de lambada, mas queria ensinar outros ritmos também. Aí eu “usei” a lambada e coloquei outras coisas. Eu instigava as pessoas às outras coisas. Tive muitos alunos nessa fase. Mas eu ainda trabalhava todo dia com natação.

Depois disso, muitos professores desapareceram com o fim da lambada e muitos continuaram. A Neide Redivo chamava a gente para fazer show. Ela era como uma empresária. Depois de um tempo eu criei minha própria equipe. O Vagner Axé, o Celso e o Amaury davam aula no “centrão”. Eles tinham o “Baila Comigo”.

Anos depois, fui buscar na escola Maria Antonieta, da mestra do Jaime Aroxa, novidades. Eu fui e estudei este método / estilo que lá eles ensinavam por três anos. Eles me permitiram ensinar esse estilo. O estilo era novo. (...) Antes, todos os ritmos eram dançados da mesma forma. Agora tinha aprendido que cada ritmo tinha um jeito específico de dançar. É difícil quando o pessoal se acostuma. Eles não querem mudar, tem medo (...) Foi muita batalha. Não era tudo mastigadinho como vocês recebem agora.

Aí a dança de salão cresceu. Veio a modificação do bolero, do samba, cha-cha-cha, zouk, salsa... Os grandes bailes de antigamente viraram bingos, os bares, farmácia e assim foi e a globalização tá deixando a dança como computador: cada vez mais rápido.

Como Paulo disse realmente a dança de salão tem mudado muito. Notamos isso muito claramente nos dias de hoje. Os ritmos mudaram. O jeito de dançar um mesmo ritmo também mudou. A esse respeito, Wagner afirma que

E os ritmos se misturaram. Hoje, por exemplo, muitos passos de samba-rock passaram para o forró, bem como o samba de gafieira... E chegamos aos dias de hoje, mas com muita coisa modificada. Por exemplo, o bolero de hoje não é o bolero que era dançado antigamente. O pessoal mesclou muito os ritmos. (RODRIGUES, Anexo 4)

Os últimos dois depoimentos que coletamos foram de dois jovens empresários e professores de dança de salão que têm hoje grande nome na dança de salão de Campinas. Assim como os demais, eles fazem história, estão construindo história. Num bate papo muito descontraído, eles contaram suas vivências e trouxeram um pouco sobre a situação da dança de salão hoje, em Campinas, que traremos na sequência. Eles contam que:

Quando a gente começou a dançar eu tinha treze anos. Devíamos estar em 1994. (...) Antigamente a dança era “coisa de velho”. Ou melhor: não era “coisa de velho”, mas normalmente encontrávamos pessoas mais velhas praticando. E a dança de salão sofria certo preconceito, assim como o ballet. Homens que dançavam eram vistos como “viados”, “gays”, homossexuais. Havia, assim como ainda existe, certo bloqueio social. Acho que esse era o principal bloqueio para que os jovens não participassem da dança.

Hoje, no estágio atual, aqui na escola, por exemplo, tiramos pelos bailes daqui, que a “massa jovem” realmente entrou no mundo da dança de salão. A diferença que vemos é que antigamente vista como “homossexualismo” e agora não é mais vista assim. A necessidade dos homens conquistarem as mulheres. Normalmente, a mulherada quer dançar e os homens ficam sentados. O cara que dança, tem a atenção das meninas e acabam tendo mais “vantagens” com elas. O homem que dança é mais bem quisto pelas mulheres. Além disso, não esquecemos da tão bem falada “qualidade de vida”. Os médicos e fisioterapeutas recomendam muito a dança de salão.

(...) O nosso público é 90% jovem. Hoje em dia, falando de um modo geral da dança, a dança de salão se tornou jovem. Primeiro pelos ritmos, que não são novos, mas são considerados novos pela moda de hoje em dia por estarem em maior evidência, como a salsa ou até mesmo o próprio zouk – que é a lambada francesa –, o samba. Pessoas mais velhas têm maior dificuldade corporal pela complexidade do movimento. Essas danças têm movimentos mais complexos, movimentos de alto impacto, muitos giros... Então a dança atraiu muito jovem neste sentido. O público jovem cresceu também porque estavam interessados na

relação “dança x relacionamento”. (...) Hoje em dia dança de salão é muito recomendada pelos médicos. (BILIA e SEISHI, Anexo 5)

Quando pergunto sobre a dança hoje em dia, eles dizem que a procura é muito grande e é necessário seguir a tendência do momento. Dizem também da tendência à uniformização dos passos que o Wagner também comenta.

Hoje, o aluno sabe que independente do lugar que ele for dentro ou fora do país, ele vai achar a mesma estrutura técnica da dança. Existe uma tendência de unificar os passos, nomes... É lógico que dependendo do local, da região, da cultura, vai se modificar o modo de dançar, mas a estrutura da dança é a mesma. Há a tentativa de unificar para tornar a dançar algo mais “globalizado”. (RODRIGUES, Anexo 4)

Sobre os locais para dançar atualmente em Campinas, se queixam da falta de lugares específicos e de qualidade e contam que, quando querem sair para dançar. Citam o Rudá, uma casa noturna que fica em Barão Geraldo e que “*que percebeu essa procura do publico mais jovem e tem promovido noites diferentes. Tem noite que é latina, tem uma noite de ritmos brasileiros, noite de dança de salão, noites de forró...*”. Entretanto, dizem que quando querem dançar, procuram normalmente São Paulo que é “*a referencia mais próxima que temos e só vemos a moçada nos bailes. A procura pela dança hoje em dia é muito alta.*” Contam que a divulgação da dança de salão, pelos meios de comunicação, provocou um aumento considerável no número de adeptos e que essa divulgação provocou uma mudança também no jeito de dançar. Eles falam que “*...o pessoal começou a confundir show com baile. Tem muita gente que queria fazer show no baile com passos acrobáticos, aéreos e tudo mais. Mas, show é show e baile é baile*” (BILIA e SEISHI, Anexo 5). Explicam que o jeito de dançar em baile é diferente de dançar no show.

Baile se vai com o intuito de dançar, curtir a música e a pessoa com quem está se dançando e o show as pessoas pagam (ou não) para te ver dançar, elas vão lá para te ver dançar. Muitas vezes as pessoas confundem. Não há necessidade de no baile se fazer uma ‘cadeirinha’, ‘panqueca’, além de não ter espaço para isso no baile.

Trazem que, apesar de todas as evoluções, para eles:

(...) O barato da dança é sentir. Não é a quantidade de movimento que vai fazer a gente se divertir num baile. A gente pode se divertir só brincando com a base. A base não é só ficar para frente e para trás. Dá para fazermos esse vai e volta de várias maneiras, curtindo, sem se preocupar com o pessoal que está à volta.
(BILIA e SEISHI, Anexo 5)

4. A Sociedade Moderna e a Dança de Salão

Como dissemos anteriormente, hoje a dança de salão tem sido cada vez mais praticada e os motivos que levam as pessoas a praticar são diversos. Como trazido pelo Leonardo e pelo Helder no último depoimento, as razões vão desde a procura por parceiros a recomendações médicas (Anexo 5). Além dessas, temos ainda: melhora na relação com o parceiro (namorado (a), marido / esposa), e, também, melhora no desempenho sexual; qualidade de vida; correção postural (os alunos procuram alguns ritmos específicos como o tango); inserção e aceitação no meio social; perder a timidez e também simplesmente muitas pessoas freqüenta as aulas à procura de divertimento. Sobre esse assunto, Gomes (2008) faz uma colocação interessante. Ela diz que “*como atrativo adicional, mas não menos importante, a dança é um divertimento barato, em comparação com outros*”.

Tendo em vista toda essa demanda crescente, hoje um número muito grande de instituições, academias, clubes e outros tantos espaços oferecem aulas de dança de salão. Como apresentado por Wagner Axé em seu depoimento, só na cidade de Campinas, existem mais de 180 professores de dança de salão – ou pessoas que assim se classificam (Anexo 4).

A lógica de mercado atual traz que tudo pode ser vendido: desde um bolo a um tratamento espiritual. Em tudo podemos colocar um preço e vender – ainda mais se encontrarmos quem compre (e, acreditem: sempre encontramos alguém que compre as coisas que achamos mais absurdas). Quanto menor a quantidade de empresas ou prestadores que ofereçam esse serviço, maior a procura no mercado e, mais caro ele pode custar. Bem como o contrário também é verdadeiro: se existe muita oferta e pouca procura,

o preço do produto cai. E os produtos não têm mais um valor fixo. Hoje, podemos encontrar um produto num local por um “x” e o mesmo produto num outro local por “15x” – e, como sabemos, se existe alguém que vende por esse valor é porque existe quem compre. Isso acontece porque os produtos não têm mais somente o valor que possuem (valor de custo): tem um valor agregado a ele. Por exemplo: um tênis da marca “x”, uma marca qualquer pode ter as mesmas funções de um tênis “Nike”, entretanto, muito possivelmente o tênis da Nike custara mais que o tênis da marca qualquer pelos valores agregados a ele. Ao comprar um tênis Nike a pessoa não compra somente um tênis: ela adquire uma série de “valores” agregados ao produto; ela compra a marca, um estilo de vida “Nike”, ela compra a “velocidade”, o “conforto”, a “beleza”, a possibilidade de ter mais pessoas olhando para ela (...). Enfim, essa é a lógica atual.

A dança de salão não ficou para trás. Como um produto muito procurado / buscado que não necessita de um investimento monetário grande – grosso modo, para oferecer as aulas de dança de salão uma pessoa precisa somente de uma sala grande, com um aparelho de som e alguns CDs ou qualquer outro aparelho eletrônico (MP3, MP4...) que contenha as músicas (será?) –, e muitas pessoas começaram a oferecer esse serviço. Obviamente, é simples de entendermos: A alta demanda e o baixo oferecimento no mercado, aliado a necessidade de pouco investimento, mostram esta uma fatia do mercado ótima para investir e tentar um novo negócio.

Qualquer um pode abrir este novo negócio. Hoje, escolas de dança, clubes academias de ginástica, centros de estética, diversas associações, instituições vendem o uma prática corporal cultural chamada “DANÇA DE SALÃO”, que se tornou um mero produto. Ao vender o "produto" a academia vende valores agregados a ele como a qualidade da academia, que está diretamente associada à promessa de que o "vendedor" irá ensinar realmente a dançar; vendendo o ensino da prática cultural, vende também a expectativa de ser bom o suficiente (ou como o professor – como ele é ou ainda como ele “deveria” ser) e, assim, se tornando bom, conquistar um parceiro; vende a diversão, o prazer, a qualidade de vida, entre outros.

Dessa realidade surge nossa preocupação que motivou o trabalho: preocupamo-nos com as condições que são oferecidas esse serviço. É real o aumento do oferecimento, mas em que condições ele acontece? Como são ministradas essas aulas de dança

atualmente? Hoje os locais nos quais são oferecidos essas aulas são adequados para essa prática? – essas, entre outras, são nossas preocupações.

Hoje, não temos um órgão que regularize ou que ofereça padrões a serem seguidos para a realização das aulas, quanto a formação dos professores e estrutura das escolas de dança de salão. Trataremos da regulamentação da profissão nos capítulos que seguem. Com a falta de “regras”, não temos parâmetros para a classificação ou a proposta de um ideal. É exatamente sobre isso que agora discutiremos.

5. Escolas de Dança de Salão: um bom “negócio”?

Terminada a passagem histórica da dança de salão em Campinas, no Brasil e no mundo, chegamos ao momento de definirmos os critérios para avaliação.

Para a definição dos critérios para classificar nos baseamos em alguns trabalhos, além das conversas e entrevistas com muitas profissionais do ramo bem como alunos e apreciadores. Neste processo, refletimos: quais seriam os quesitos básicos que uma casa de dança deveria seguir para ser aberta? Fomos em busca de respostas e chegamos a algumas exigências legais específicas que o proprietário / empresário minimamente deve cumprir. Encontrados no site do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE, 2008), na série “Ponto de Partida para o início de um negócio”, um guia prático para montar uma Escola de Dança de Salão. Os dados estão dispostos de maneira muito interessante e de fácil entendimento. Seguem:

- A princípio, o empresário deve obter o alvará de funcionamento que consiste num documento de autorização para o funcionamento, emitido pela Prefeitura Municipal. Além disso, ele deve legalizar a empresa na Junta Comercial, Secretaria da Receita Federal (para obter seu “Código Nacional de Pessoa Jurídica” – CNPJ) e na Secretaria Estadual da Fazenda.

- O SEBRAE salienta a necessidade de que também sejam feitos o enquadramento na Entidade Sindical Patronal para poder recolher uma contribuição (Contribuição Sindical Patronal) que a empresa fica obrigada a recolher por ocasião da Constituição até o dia 31 de

janeiro de cada ano e o cadastramento junto à Caixa Econômica Federal no sistema “Conectividade Social – INSS/ FGTS”.

- Além dessas exigências legais, a empresa necessita procurar o Corpo de Bombeiros, a Vigilância Sanitária e pesquisar na Prefeitura Municipal se a Lei de Zoneamento permite a instalação de escola de dança no local.

- Para fins de oferecimento dos serviços, a empresa deve também se filiar ao Conselho Regional de Educação Física¹ a fim de realizar o registro dos professores de dança.

Cumpridas as devidas legalidades, passamos a refletir sobre os critérios e itens que o empresário deveria se preocupar para dar andamento do seu negócio.

6. A proposta de uma escola “ideal”²

6.1. Sobre a localização

Através de entrevistas formais e informais, das conversas com apreciadores e profissionais da área e da leitura do trabalho de monografia “Critérios para Avaliação de Academias de Ginástica: uma questão de Política Pública” (OLIVEIRA, 1997), chegamos ao que seria “bom”³ para uma casa de dança. Para definirmos as características da nossa escola de dança “ideal”, decidimos pensar como clientes e seguir o caminho que o cliente segue quando procura um local para participar de cursos (seja de dança ou não).

Antes mesmo de pensar na estrutura da casa e os benefícios que ela oferece, percebemos que os clientes buscam saber a localização da escola. “A escolha do ponto comercial é de grande importância para o sucesso de uma escola de dança de salão” – esta é uma frase que escutamos com muita frequência nas conversas informais. Para a localização

¹ Sobre este assunto trataremos melhor no item que segue.

² Entendemos o termo “ideal” como “modelo”, conforme trazido em LUFT, no quinto significado.

³ Aqui entendemos o termo “bom” como um adjetivo para exprimir algo que “*tem qualidades requeridas*”, conforme o Mini-Dicionário Luft. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

o proprietário deve considerar qual é o “público-alvo⁴” e os objetivos do novo negócio. Ressaltamos também, neste momento que a localização influencia na característica do público freqüentador. Sobre a localização da escola, o Guia Prático do SEBRAE (2008, p.3) trás que

Os fatores urbanos relacionados à segurança do local são itens muito importantes na localização, logo, é necessário observar a existência nas proximidades de terrenos baldios, imóveis abandonados e com a má conservação e zona de prostituição, como também é importante observar a iluminação das ruas próximas. Ruas escuras e pouco iluminadas afastam os clientes.

Independentemente dos objetivos traçados pelo empresário compactuamos com o “Guia Prático” quando adverte sobre a iluminação e a segurança oferecida. Acreditamos que o cliente vá se sujeitar a assistir uma aula somente num local que se sinta minimamente seguro e confortável. Caso contrário, dificilmente freqüentará o local. É ideal, então, que a casa se localize numa via iluminada e longe de locais que ofereçam perigo como terrenos baldios, imóveis abandonados ou em más condições.

Pensando ainda no cliente, no seu conforto e bem estar, nos remetemos ao fator “estacionamento para carros”. Atualmente a rua não é mais um local “seguro” para estacionar veículos. Diariamente aparecem notícias nos jornais e revistas relatando roubos de carros. A Agencia Metropolitana de Campinas trás em seu site que pelo menos 45 veículos são furtados diariamente na Região Metropolitana de Campinas (AGEMCAMP, 2008). Essa estatística assusta a maioria dos cidadãos. Pensando nisso, colocamos que seria “bom”, então, que pelo menos a casa de dança tivesse um estacionamento próprio ou que, no caso de não possuir, tenha algum tipo de convênio com algum estacionamento particular ou ainda que mantenha seguranças na calçada vigiando os carros.

Depois de sentir-se seguro, o cliente procura saber da qualidade dos serviços oferecidos na casa. “Os professores são bons? Em que são formados? Que tipo de aulas eles

⁴ Ao abrir um negócio o empresário deve ter em mente alguns fatores como: Público-alvo. Dependendo do público-alvo, o negócio terá características diferentes. Por exemplo. Se meu público-alvo são jovens de 15 a 25 anos, classe médio-alta meu negócio terá características bem diferente do que seria se meu público-alvo tivesse na faixa etária de 50 ou mais e fosse de classe baixa.

oferecem? Eles são simpáticos?” Entra, aí, então, a preocupação com a formação do profissional.

6.2. Sobre o profissional

Como professora de dança que ministra cursos de dança, sempre ouço essas indagações, especialmente de novos alunos / clientes. Seguindo com as dicas do seu “Guia Prático”, o SEBRAE coloca que para estar de acordo com as legalidades, a empresa deve buscar o Conselho Regional de Educação Física (CREF) para registrar os professores de dança. Trás ainda que:

Não existe a obrigatoriedade legal de curso superior em dança para os professores, entretanto é necessária a comprovação de que exerce a atividades como professor desde 1995 ou realizar o curso de instrução do Conselho Regional de Educação Física (2008, p.6).

Existe atualmente uma grande discussão sobre o profissional de dança ter ou não que ser filiado ao Conselho Regional de Educação Física. De acordo a Lei nº 9696 de 1º de setembro de 2008 e o Estatuto do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), no Capítulo II, do Exercício Profissional, na Seção II, do Exercício do Profissional:

Art. 11 – O Exercício da profissão de que trata a Lei (...) é prerrogativa de profissional regularmente registrado no Conselho Federal de Educação Física, inscrito no CREF e portador de carteira de identificação profissional expedida pelo Conselho Regional de Educação Física competente, que os habilitará ao exercício profissional.

Art. 12 – É obrigatória a inscrição nos Conselhos Regionais de Educação Física das pessoas jurídicas cujas finalidades estejam ligadas às atividades físicas, desportivas e similares, na forma estabelecida em regulamento (...). (CONFEF, 2002)

Antes de seguirmos com as demais considerações, gostaríamos de colocar que não atribuímos exatamente ao registro em si a evidência de qualificação do empreendimento.

Existe a necessidade do registro para estar em conformidade com a lei, mas não é ele quem vai determinar a qualidade dos serviços oferecidos. Consideramos, sobre a formação do profissional⁵, de suma importância que o professor de dança de salão possua ao menos formação específica em dança de salão em um ou mais ritmos que o qualifique e capacite como professor de tal modalidade / ritmo.

A dança de salão é uma atividade cultural que está em constante mudança, conforme nos trás a Associação Nacional de Dança de Salão (ANDANÇAS). É necessário que o profissional participe, pelo menos uma vez ao ano, de um curso de atualização ou “reciclagem” *“e façam intercambio com professores de outras escolas, outros estados e até mesmo outros países”* (SEBRAE 2008 p.6). Sobre os cursos de atualização, seria ideal que o próprio contratante financiasse, custeasse o profissional visto que este curso é para a qualificação e renovação dos serviços oferecidos.

6.3. Sobre a infra-estrutura

É, somente, após constatar a qualidade do profissional que o cliente / aluno irá pensar na infra-estrutura da escola de dança. Sobre este critério discorreremos sobre as características de algumas estruturas que são fundamentais e que influenciam diretamente na realização e na qualidade da aula. São elas:

- ✓ A sala de aula
- ✓ O piso
- ✓ Aparelhagem de som

Estas estruturas necessariamente devem ser adequadas e adaptadas para que a aula obtenha sucesso. Sobre as salas de aula, no Guia prático o SEBRAE faz colocações importantes sobre a sala de aula:

⁵ Nos itens que seguem, discutiremos mais sobre a formação do profissional de dança de salão.

(...) É o ambiente utilizado para as aulas de dança. Deve ser claro e arejado, ter iluminação adequada, sistema de ventilação natural ou aparelho de ar-condicionado, sonorização ambiente, espelhos e piso antiderrapante em superfície totalmente plana. (SEBRAE 2008, p.4)

Concordamos com o SEBRAE nas colocações sobre a iluminação e a ventilação da sala. As aulas de dança de salão são essencialmente caracterizadas por serem aulas práticas. O Brasil é um país tropical e durante a maioria dos dias do ano possui um clima quente. Pensando na saúde e bem estar dos alunos é de suma importância que a sala seja bem iluminada e bem ventilada, tanto nos dias quentes como nos dias frios. Ainda sobre as salas de aula, ressaltamos que é adequado que a sala de aula seja limpa, considerando as paredes, piso, espelhos⁶ (caso haja) e outros aparelhos que possam existir no local.

Além dos critérios de ventilação e iluminação, é importante considerar o tamanho da sala de aula. Sobre isso colocamos que a necessidade maior não é do tamanho em si, mas a quantidade de alunos que freqüentarão a aula simultaneamente em relação ao tamanho da sala de aula. Nas aulas de dança de salão os casais caminham e num pequeno espaço, caso haja muitos casais caminhando, o risco de colisão entre eles é maior que numa sala grande. Não estamos aqui dizendo que as aulas não devem acontecer em espaços relativamente pequenos. Acreditamos que aulas podem acontecer em locais com essas características, entretanto elas devem acontecer com poucos casais para que facilite o aprendizado e priorize o bem estar dos alunos; não existe uma dimensão específica definida.

Nas aulas de dança, qualquer que seja, existe música. Hoje a maioria das aulas de dança de salão é realizada com música, senão todas. Devido a esse fato colocamos como primordial a qualidade da aparelhagem de som para o sucesso das aulas. A qualidade do som, quanto ao volume, está diretamente relacionada com o tamanho da sala de aula. A potência e a disposição das caixas de som devem ser adequadas ao espaço. Por exemplo: aparelhos com caixas de som pouco potentes não são os mais indicados para salas de aula muito grandes, pois não propagariam o som e, dessa maneira, não contemplaria a

⁶ Apesar de sabermos que o espelho facilita no aprendizado e na visualização dos passos ensinados nas aulas de dança de salão, não consideramos fundamental a presença deste nas salas de aula.

necessidade. Normalmente, os manuais dos aparelhos de som trazem a potência das caixas de som e para a metragem quadrada que ele é adequado. Outro fator importante a ser considerado quanto ao critério “som” é a qualidade do som que é propagado – se ele tem ou não ruídos, trepidações. O ideal é que ele se propague bem pelo espaço sem trepidações ou ruídos. Sobre a sonoridade (graves e agudos) por tratar-se de características ajustáveis no aparelho de som, caixas, mesas ou amplificadores não determinaremos um “ideal fechado”. O som deve, como já dito, se propagar bem pelo ambiente, de maneira homogênea, e ser agradável de ser ouvido.

Sobre o piso não encontramos nenhum artigo ou outro tipo de texto que defina um material ideal para aulas de dança de salão. O SEBRAE coloca como citamos anteriormente que a sala de aula deve ter o “*piso antiderrapante em superfície plana*” (2008, p. 4). Entretanto, nas entrevistas e depoimentos coletados, vimos que os pisos preferidos são os que deslizam, porém não muito para evitar quedas e possíveis lesões. O taco ou assoalho de madeira (o piso usado para aulas de ballet) é sempre citado como o mais indicado. O carpete de madeira (ou paviflex) também é bom. Pisos de revestimento cerâmicos são bem aceitos, entretanto é importante que ele seja plano, sem deformidades, sobreposição ou espaços entre as lajotas para não favorecer que os sapatos dos frequentadores do espaço enrosquem evitando, assim, acidentes. Materiais como ardósia, granito e mármore não são indicados por deslizarem muito.

Por fim, ainda considerando os critérios da sala de aula supracitados, colocamos que para uma sala de aula ser “ideal” que ela deva estar em boas condições de uso, apresentando tanto a pintura como o piso e outros equipamentos em bons estados de conservação.

Além das estruturas dispostas e discutidas acima, apesar de não influenciarem diretamente nas aulas, existem outras que são de suma importância para que uma escola de dança de salão exista e seja considerada “ideal”. São elas: a sala de recepção e vestiários.

A sala de recepção / espera não precisa de muitos itens para ser considerada “boa”. Este ambiente pode ser uma pequena sala na entrada da escola. Pode ser bem simples, porém agradável, ventilada e com boa iluminação. É importante que nela esteja uma pessoa para receber as pessoas e resolver questões relacionadas à matrícula,

pagamento de mensalidades ou de qualquer outro curso que a casa ofereça informações gerais e outros assuntos de ordem comercial (SEBRAE, 2008).

Quanto aos vestiários, é necessário e importante que sejam bem limpos, arejados, iluminados. Não existe grande necessidade de haver duchas ou locais para que os freqüentadores se banhem. Entretanto, encontramos nos depoimentos e nas entrevistas coletadas que os alunos e apreciadores, depois de participar das aulas, buscam nas escolas um lugar para banhar-se e refrescar-se. Observamos, também, que esse fato ocorre principalmente com os alunos que freqüentam as aulas no período da noite ou durante os finais de semana, pois normalmente após as aulas saem com os companheiros da aula e dirigem-se bailes, bares ou outros locais para dançarem, ou ainda, quando a sugestão aparece vinda de alunos que freqüentam as aulas no período matutino ou vespertino, o motivo é que, logo após a aula, eles irão para seus respectivos locais de trabalho.

7. “Quantas sapatilhas?” – A proposta de critérios classificação.

Chegamos ao momento no qual vamos propor um sistema para classificação das escolas de dança de salão. Criamos esse sistema classificatório inspirados na classificação feita pela Embratur para a classificação de hotéis. Hoje, segundo a ABIH (Associação Brasileira da Indústria de Hotéis), os hotéis são classificados em Super luxo, Luxo (ambos são considerados hotéis “Cinco Estrelas”), Superior (“Quatro Estrelas”), Turístico (“Três Estrelas”), Econômico (“Duas Estrelas”) e Simples (“Uma Estrela”) (NUNES, 2008). Fazendo uma analogia com a classificação dada pela Embratur aos hotéis invés de classificarmos as escolas de dança de salão em “Estrelas”, classificá-las-emos em “Sapatilhas”, sendo que:

- Escolas classificadas como “Cinco Sapatilhas” serão consideradas Excelentes, Super Luxuosas. Consideraremos escolas de dança “Cinco Sapatilhas” aquelas escolas de dança de salão que trouxeram algo a mais, algo que a torne luxuosa, algo que, apesar de não ser necessária à realização

das aulas, torne a escola mais “luxuosa” ou “super luxuosa”. Essas escolas deverão somar pontuação maior que 80% da pontuação máxima⁷.

- Escolas “Quatro Sapatilhas”: Superiores. As escolas superiores deverão somar pontuação entre 60 a 79% da pontuação máxima.
- Escolas “Três Sapatilhas”: Ótimas. Essas escolas deverão somar pontuação entre 40 a 59% da pontuação máxima.
- E escolas “Duas Sapatilhas”: Simples. Essas escolas, por fim, deverão somar pontuação entre 20 a 39% da pontuação máxima.

Não classificaremos as escolas em “Uma Sapatilha”. Todas as escolas ou serão classificadas pelo menos como “Duas sapatilhas” ou serão consideradas “não recomendáveis”.

Da mesma maneira que fizemos para determinar o que seria uma escola de dança ideal para nós, iremos classificar as escolas a partir de critérios pré-estabelecidos. Dividimo-los em dois temas: Quanto à infra-estrutura da escola e quanto aos profissionais. Optamos por esses dois temas por nos preocuparmos com as condições dos locais que são oferecidas as aulas de dança de salão e, logicamente, pela preocupação que temos, de mesma maneira (senão maior) com os profissionais, sua formação desses profissionais e outros dados que nos dizem a respeito dos mesmos.

Dividimos os “temas” em “subtemas” e, estabelecemos, por fim, os critérios. Seguem:

a) Quanto à infra-estrutura da casa

- Sala de Aula: analisaremos as condições de iluminação, ventilação, limpeza⁸, conservação⁹ e tamanho¹⁰.

⁷ Traremos na sequência o sistema de pontuação desenvolvido por nós.

⁸ Sobre a limpeza, ressaltamos que analisaremos suas condições numa situação “pré-aula”. Compreendemos que, durante a aula, os alunos entram muitas vezes com os sapatos sujos, sujando, assim a sala de aula.

⁹ Sobre a conservação / manutenção estaremos considerando o estado da pintura, parede, teto, gesso e outros aspectos físicos da própria sala de aula (o piso não está desconsiderado no momento. A seguir dedicaremos um subitem inteiro para este critério).

¹⁰ Sobre o tamanho das salas de dança vale lembrar que o espaço da sala é relativo ao número de alunos inscritos na aula. Um espaço considerado excelente é caracterizado por ser muito amplo para deslocamento

- Pisos: analisaremos o material, estado de conservação e limpeza.
- Som: Acústica, conservação dos equipamentos, disposição das caixas de som pela sala.
- Limpeza: analisaremos a “estrutura funcional da limpeza”¹¹ do local como um todo, analisando como é o sistema de limpeza da escola.
- Vestiários: Iluminação, presença de duchas, presença de armários, limpeza, tamanho e ventilação.
- Estacionamento: Analisaremos se são próprios ou não, cobertos ou não, a localização, iluminação, conservação e tamanho das vagas.
- Recepção: recepcionista / secretária, iluminação, ventilação.
- Localização: analisaremos a facilidade de acesso, iluminação e segurança.

b) Quanto aos Profissionais

- Formação do profissional
- Presença de estagiários / monitores nas aulas: Consideraremos para a análise da relação estagiário-monitores / aluno.
- Cursos de capacitação: neste critério analisaremos se a escola de dança/contratante estimula o profissional a atualizar-se, oferecendo condições para que o mesmo aconteça e como é dado esse processo. Analisaremos, também, a frequência da ocorrência desses cursos.
- Contrato

Para a análise e classificação das escolas quanto aos profissionais não consideraremos para a pontuação seqüente classificação o fato do professor de dança de salão possuir registro no Conselho Regional de Educação Física devido aos motivos discutidos na seqüência.

dos casais. Um espaço bom deve permitir o deslocamento dos casais para a realização dos passos praticados / ensinados em aula sem colisão entre os mesmos.

¹¹ Consideramos “Estrutura Funcional de Limpeza” o sistema que a escola utiliza para a manutenção da limpeza da escola. Dessa maneira, uma escola para ter uma limpeza “impecável” e com “ótima manutenção” deverá, por exemplo, manter um funcionário responsável pela limpeza e organização do local durante todo o tempo que a escola se mantiver aberta / em funcionamento.

Para a análise e seqüente classificação, construímos um quadro que mostra as características que definirão as escolas em uma ou outra classificação. Colocaremos na seqüência o quadro sobre o primeiro tema: Infra-Estrutura.

		Luxo	Superior	Ótima	Simples	
		“5 Sapatilhas”	“4 Sapatilhas”	“3 Sapatilhas”	“2 Sapatilhas”	Nenhuma Sapatilha
a) Quanto à Infra-estrutura		10	8	6	4	2
Sala de Aula	3	Limpeza impecável, amplas ou muito amplas, boa pintura em estado ótimo de conservação, sem necessidade de reparos, com ótima acústica, boa ventilação, ar refrigerado, ótima iluminação, ótima manutenção, presença de equipamentos extras que dinamizem as aulas.	Limpeza impecável, espaçosas, boa ventilação, porém não necessariamente com ar refrigerado, sem necessidade de reparos (ou necessidade de reparos mínimos), com ótima acústica e iluminação;	Limpeza impecável porém pouco amplas, manutenção ótima, sem necessidade de reparos, ótimo sistema de ventilação e ótima iluminação; ou ampla porém com necessidade de reparos, ótimo sistema de ventilação, boa iluminação, ótima conservação da limpeza ou necessidade de pouca manutenção; ou simples e um pouco apertadas, porém ótima limpeza, ventilação	Pequenas porém limpas, boa ventilação, com necessidade de alguns reparos quanto a conservação, boa iluminação.	Iluminação, ventilação ruins; muito apertada; limpeza muito irregular.
Pisos	3	Assoalho de maneira; muito bem conservado, sem necessidade de reparos; com ótima manutenção, impecável, superfície totalmente plana.	Taco de madeira com conservação ótima ou paviflex ou outro material que seja muito adequado às aulas de dança de salão também com ótima conservação, limpeza impecável e superfície totalmente plana.	Assoalho de madeira com necessidade de reparos, superfície totalmente plana e limpeza ótima; ou paviflex ou taco de madeira ou outro material adequado em boas condições de uso, necessidade de pequenos reparos superfície totalmente plana limpeza ótima.	Lajotas de revestimento cerâmico ou outros pisos não específicos bem conservados, superfície totalmente plana, sem deformidades, limpeza muito boa; ou assoalho ou taco de madeira ou paviflex precisando de alguns reparos, superfície totalmente plana e boas condições de limpeza.	Material sem boas condições de uso, má conservação, limpeza irregulares e superfície não plana.
Som	3	Boa acústica, potência adequada ao espaço, presença de muitas caixas de som estando bem distribuídas pelo espaço, equipamentos novos e modernos.	Ótima acústica; equipamentos novos ou semi-novos, em ótimo estado de conservação e boa distribuição das caixas de som pelo espaço.	Boa acústica e equipamentos bem conservados, boa propagação do som pelo espaço apesar de não ter muitas caixas de som distribuídas pela sala.	Acústica boa e equipamentos bons, boa propagação do som apesar de somente uma (ou duas) caixas de som distribuídas pela sala.	Sem boa acústica e equipamentos adaptados, com necessidade de reparos.
Limpeza	2	Impecável e manutenção impecável	Impecável e boa manutenção	Muito boa e boa manutenção	Boa a regular e manutenção boa a regular	Ruim ou péssima

Vestiários	1	Limpeza impecável, ótima iluminação, ótima ventilação, confortáveis, presença de armários individuais com cadeados, cabines confortáveis, espaçosos, novos sem necessidade de nenhum reparo, com duchas individuais e outros fatores que dêem luxo ao vestiário.	Limpeza impecável, ótima iluminação, ótima ventilação, presença de armários individuais com cadeados, cabines confortáveis, espaçosos, novos sem necessidade de nenhum reparo, com duchas.	Limpeza ótima, porém pouco espaçosos, boa iluminação, ótima ventilação sem necessidade de reparos; ou simples com limpeza ótima, bom espaço, boa ventilação e iluminação e com a necessidade de pequenos reparos.	Mínimo, porém limpos.	Muito pequenos; ou limpeza irregular; ou má ventilação; ou má iluminação.
Estacionamento	2	Próprio, coberto; com manobrista; serviço de segurança; limpos e boa iluminação; conservação ótima; com quantidade de vagas adequado, vagas espaçosas; com serviço de lava-carro.	Próprio, coberto; conservação ótima e boa iluminação; serviço de segurança; sem serviço de manobrista, mas muitas vagas e vagas espaçosas.	Próprio sem cobertura, podendo oferecer ou não serviço de manobrista; boa iluminação, boa conservação, muitas vagas; ou convênio com estacionamentos próximos com serviço de lava-rápido e outros benefícios; ou estacionamento coberto porém com poucas vagas, boa iluminação.	Próprio, sem cobertura, com poucas vagas, convênio com estacionamentos próximos sem serviços de lava-rápido ou outros benefícios.	Sem estacionamento próprio ou convênio.
Recepção	1	Com recepcionista / secretária, bem ventilada; com ar condicionado; espaçosa; com sala de espera confortável, lojas de conveniência, lanchonete e lojinha de artigos específicos.	Com recepcionista / secretária, bem ventilada, local de espera confortável, espaço agradável com lanchonete.	Com recepcionista / secretária, bem ventilada, num espaço confortável, agradável, limpa e com acomodações confortáveis e aconchegantes.	Com recepcionista, secretária, pequena porém aconchegante e agradável, limpa e com acomodações	Sem recepcionista / secretária, pequenas e sem acomodações adequadas para esperar, com água fresca.
Localização	2	Próximo a grandes centros urbanos, próximo a terminais urbanos e/ou rodoviários, fácil acesso, em via iluminada e segura; presença de heliponto no local ou muito próximo dele.	Fácil acesso para carros e outros meios de transporte, próximo a terminais urbanos ou muito próximos grandes locais de referências como shoppings ou galerias grandes, a pontos de ônibus, em via iluminada e segura	Fácil acesso de carro, próximo a pontos de ônibus, porém longe de grandes centros urbanos, grandes locais de referência, pouco distante de terminais urbanos e/ou rodoviários, porém em via iluminada e segura	Fácil acesso de carro, em via pouco iluminada.	Difícil acesso.

A seguir, traremos o quadro para a classificação da escola quanto aos profissionais, incluindo a formação, presença de monitores / professores na aula e cursos de capacitação e atualização.

		Luxo	Superior	Ótima	Simple	
		“5 Sapatilhas”	“4 Sapatilhas”	“3 Sapatilhas”	“2 Sapatilhas”	Nenhuma Sapatilha
b) Quanto aos profissionais:		10	8	6	4	2
Formação:	4	Graduação na área de Educação Física ou Dança e Curso de especialização ou Pós Graduação em área ou tema relacionado com Dança de Salão.	Graduação em Educação Física ou Dança e com cursos específicos adicionais em várias modalidades específicas da dança de salão	Graduação em Educação Física ou Dança, porém formação em alguns ritmos específicos comprovados; formação em dança clássica, com conhecimentos específicos adquiridos através de cursos comprovados do funcionamento do corpo e com cursos de especialização em dança de salão.	Sem curso de graduação, formação através da prática e cursos de capacitação em ritmos específicos.	Sem formação comprovada na área
Presença de monitores / estagiários nas aulas:	2	Além da presença do(a) professor(a) e sua parceira(o) de dança, presença de 2 monitores para cada 4 casais frequentantes a fim de auxiliar o professor no ensino, e monitores disponíveis para atendimento personalizado durante a aula, presença, também, de outros monitores para equiparar a proporção conduzidos/condutores (1/1)	Além da presença do(a) professor(a) e sua parceira(o) de dança, presença de 2 monitores para todos os casais da aula respeitando a proporção monitores+professores/ alunos frequentantes não deve passar de 1/4 se os monitores presentes também servirem para equiparar a proporção 1/1 conduzidos/condutores, ou 1/6 se considerar monitores extras para equiparar o número de damas e cavalheiros (proporção 1/1 de conduzidos/condutores)	Um(a) estagiário(a) para auxiliar o(a) professor(a) durante as aulas e outro monitor para, além de auxiliar no ensino, equiparar a proporção conduzidos/condutores (1/1); a proporção monitores+professores/ casais frequentantes não deve passar de 1/7	Somente presença de um(a) estagiário(a) para auxiliar o(a) professor(a), podendo ser que o mesmo seja o parceiro(a) do professor(a)	Qualquer situação que não se enquadre em nenhuma das outras alternativas.
Cursos de capacitação:	3	Cursos de capacitação/ atualização 2 ou mais vezes ao ano com todas as despesas pagas integralmente pelo contratante.	Cursos de capacitação/ atualização com todas as despesas bancadas integralmente pelo contratante uma vez ao ano e mais cursos com despesas divididas entre contratante e contratado.	Cursos de capacitação/ atualização com todas as despesas divididas entre profissional e contratante 2 vezes ao ano pelo menos.	Com cursos de capacitação anuais garantidos pelo profissional com ajuda de custo fornecida pela escola de dança.	Sem cursos de capacitação
Contrato:	3	Registrado em carteira com direito a férias, 13º salário, plano de saúde, recolhimento do FGTS...		Sem registro na carteira, porém contratado como firma / terceirizado.		Sem nenhum tipo de contrato e segurança.

No quadro que trouxemos acima, dispomos na parte superior, nas duas primeiras linhas, a classificação das escolas em “Sapatilhas”. Na linha seguinte, dispomos a pontuação que a escola receberá conforme as características encontradas. Exemplo demonstrativo: Na escola de dança 1 vimos que, no subtema sala de aula, ela apresentou: piso assoalho de madeira, limpíssimo, sala ampla, ótima ventilação, boa iluminação, com presença de ar refrigerado. Dessa maneira, então, classificamo-la, neste subtema, neste critério como “excelente” e ela recebeu a pontuação máxima: 10 pontos. Na primeira coluna, dispomos os temas e subtemas. A frente de cada subtema está um número que corresponde ao “peso” que ele tem na somatória final dos pontos. Para obter as notas multiplica-se o peso do subtema pela nota obtida no mesmo subtema. Para conseguirmos a nota final obtida pela escola de dança, deve-se somar todas as notas obtidas de cada subtema e dividi-las pelo resultado do número de subtemas multiplicados pelos critérios (soma esta que, no caso resulta: 30, sendo que para o tema “Infra-estrutura” a soma dos pesos equivale a 18 e para o tema “Profissionais” a soma dos pesos equivale a 12) número de critério. Exemplo: Escola de dança 2: 2º tema – tema “Profissionais”. Observe que, no caso, a parte com borda diferenciada é a parte que corresponde às características da escola.

		Luxo	Superior	Ótima	Simple	
		"5 Sapatilhas"	"4 Sapatilhas"	"3 Sapatilhas"	"2 Sapatilhas"	Nenhuma Sapatilha
b) Quanto aos profissionais:		10	8	6	4	2
Formação:	4	Graduação na área de Educação Física ou Dança e Curso de especialização ou Pós Graduação em área ou tema relacionado com Dança de Salão.	Graduação em Educação Física ou Dança e com cursos específicos adicionais em várias em modalidades específicas da dança de salão	Graduação em Educação Física ou Dança, porém formação em alguns ritmos específicos comprovados; formação em dança clássica, com conhecimentos específicos adquiridos através de cursos comprovados do funcionamento do corpo e com cursos de especialização em dança de salão.	Sem curso de graduação, formação através da prática e cursos de capacitação em ritmos específicos.	Sem formação comprovada na área
Presença de monitores / estagiários nas aulas:	2	Além da presença do(a) professor(a) e sua parceira(o) de dança, presença de 2 monitores para cada 4 casais freqüentantes a fim de auxiliar o professor no ensino, e monitores disponíveis para atendimento personalizado durante a aula, presença, também, de outros monitores para equiparar a proporção conduzidos/condutores (1/1)	Além da presença do(a) professor(a) e sua parceira(o) de dança, presença de 2 monitores para todos os casais da aula respeitando a proporção monitores+professores / alunos freqüentantes não deve passar de 1/4 se os monitores presentes também servirem para equiparar a proporção 1/1 conduzidos/condutores , ou 1/6 se considerar monitores extras para equiparar o número de damas e cavalheiros (proporção 1/1 de conduzidos/condutores)	Um(a) estagiário(a) para auxiliar o(a) professor(a) durante as aulas e outro monitor para, além de auxiliar no ensino, equiparar a proporção conduzidos/condutores (1/1); a proporção monitores+professores / casais freqüentantes não deve passar de 1/7	Somente presença de um(a) estagiário(a) para auxiliar o(a) professor(a), podendo ser que o mesmo seja o parceiro(a) do professor(a)	Qualquer situação que não se enquadre em nenhuma das outras alternativas.
Cursos de capacitação:	3	Cursos de capacitação/ atualização 2 ou mais vezes ao ano com todas as despesas pagas integralmente pelo contratante.	Cursos de capacitação/ atualização com todas as despesas bancadas integralmente pelo contratante uma vez ao ano e mais cursos com despesas divididas entre contratante e contratado.	Cursos de capacitação/ atualização com todas as despesas divididas entre profissional e contratante 2 vezes ao ano pelo menos.	Com cursos de capacitação anuais garantidos pelo profissional com ajuda de custo fornecida pela escola de dança.	Sem cursos de capacitação
Contrato:	3	Registrado em carteira com direito a férias, 13º salário, plano de saúde, recolhimento do FGTS...		Sem registro na carteira, porém contratado como firma / terceirizado.		Sem nenhum tipo de contrato e segurança.

Conforme demonstrado no quadro acima, a Escola de dança 2 teve a seguinte pontuação:

Formação: $4 \times 10 = 40$

Presença de monitores: $2 \times 10 = 20$

Curso de capacitação: $3 \times 4 = 12$

Contrato: $3 \times 2 = 6$

Somatória das notas de cada subtema* / Soma dos pesos de cada subtema =

$(40+20+12+6) / 12 = 78 / 12 =$

$= 6,5 =$ resultado final para tema “Profissionais”.

* Vale lembrar que a nota é dada pela pontuação obtida em cada subtema multiplicada pelo peso atribuído a ele.

A nota 6,5 corresponde a 65% da pontuação máxima que a escola de dança de salão poderia obter. Dessa maneira, se retornarmos à p. 36 (subitem 5.2.), veremos que ter a atribuição da nota 6,5 (65%) significa que a escola obteve a classificação “Três Sapatilhas”, sendo considerada, então, uma escola de dança de salão ótima para o tema “profissionais”.

7.1. Por que pesos diferentes? A importância de cada subtema

Fazemos uma pausa, agora para fazer uma consideração sobre os pesos atribuídos aos subtemas na classificação.

Foram atribuídos maiores pesos àqueles subtemas que consideramos mais importantes para a realização das aulas. A sala de aula, o piso e o som receberam pesos 3 (peso máximo) porque consideramos que sem uma sala de aula de qualidade, piso e aparelhagem de som adequados não é possível realizar uma aula de qualidade.

Já ao subtema Limpeza, Estacionamento e Localização, foram atribuídos o peso 2 por possuírem importância menor. Consideramos esses subtemas relevantes, entretanto, não com uma maior relevância que os supracitados. No início do trabalho consideramos que o subtema “Localização” possuía muita relevância para o investidor ou empresário pensar no momento de decidir o local para abrir sua escola de dança. Entretanto, ressaltamos que, apesar disso, uma vez que a escola, por exemplo, possui melhor colocação no tema relativo aos “Profissionais” os alunos irão buscá-la seja onde for. A sala de recepção e vestiários receberam a peso 1.

Quanto ao tema “Profissionais” o subtema formação recebeu o maior peso visto que, como já considerado anteriormente, é de suma importância que o profissional tenha uma boa formação para a realização de uma boa aula. Apesar dos outros subtemas influenciarem, uma vez que não tivermos um bom profissional, não adianta termos uma ótima sala, com piso excelente e som ultramoderno e com ótima acústica. Na sequência, os subtemas contrato e cursos de capacitação recebem o peso 3. Consideramos o contrato um fator muito importante. O contrato influencia totalmente na postura do profissional. Um profissional que sente segurança e respaldo por parte do contratante consegue se dedicar melhor, investir na profissão, dedicar tempo ao seu aprimoramento entre outros. Quanto aos cursos de capacitação acreditamos que eles são fundamentais para a manutenção da qualidade das aulas dos profissionais. Por fim, o subtema presença de bolsistas / monitores nas aulas recebe o peso 2.

8. As escolas de dança de salão – os casos estudados

Enfim, as escolas de dança são procuradas hoje pelas pessoas por todos os motivos que citamos anteriormente. As escolas de dança de salão são nossos objetos de estudo centrais neste presente trabalho. Elas estão por todo o mundo e, aqui em Campinas representam uma realidade que na conhecemos. No início do trabalho procuramos na Prefeitura de Campinas pelas escolas de dança de salão da cidade. Procuramos alguns registros, algum tipo de arquivo que contivesse dados sobre os estabelecimentos que oferecessem dança de salão na cidade, mas, infelizmente, o mesmo não foi encontrado. Os

funcionários da Prefeitura nos indicaram procurar por algum arquivo, tese ou artigo dentro da Unicamp, no centro de memórias. Foi quando, assim como procedido por Oliveira (1997), optamos por recorrer à Lista Telefônica digital.

Na lista telefônica procuramos por “dança de salão”. Apenas 15 estabelecimentos apareceram. Destes, somente 4 se classificaram como “específicos de dança de salão”. Foram estes que visitamos. Aqui não mencionaremos os nomes das escolas de dança por motivos éticos. Na sequência, faremos aqui uma análise comparativa das escolas, comparando e analisando-as. As visitas de todas as escolas estão dispostas em anexo no final do trabalho.

Primeiramente consideramos que 75% das casas de dança de salão visitadas eram casas comuns adaptadas como escolas. Somente uma (a que possui uma casa noturna no andar de baixo) mostrou uma arquitetura diferente da arquitetura de uma casa comum (com vários cômodos, nos quais podemos identificar a sala de estar, a cozinha, por exemplo). Esta escola é lotada num prédio comercial. É importante lembrarmos aqui que, para escola de dança de salão, não encontramos nenhum tipo de regulamento quanto à estrutura do prédio da escola. Como para a realização das aulas de dança de salão não há necessidade de nenhum tipo de aparelho ou equipamento grande e pesado, não existe exigência de uma altura específica, largura de portas, entre outros (fatores que são exigidos quando pensamos na abertura de outros negócios como uma academia de ginástica). O único equipamento que é utilizado é a aparelhagem de som e a sala em si. Existe, como citamos nos primeiros capítulos, as recomendações do Corpo de Bombeiros e da Vigilância Sanitária, que, necessariamente devem ser seguidas para a prefeitura ceder o alvará de funcionamento. Fora isso, não encontramos demais observações sobre a arquitetura do prédio.

Ainda sobre a estrutura, consideramos, também, que o prédio, por si só, influencia muito pouco no oferecimento das aulas. Sua influência se dá somente em relação à estética do local.

Quanto às localizações, nenhuma das escolas obteve classificação como “luxuosas”. Para elas serem classificadas desta maneira, elas deveriam localizar-se muito próximas de terminais urbanos ou rodoviários pelo menos e nenhuma delas correspondeu a essas características. Consideramos, também, que o bairro na qual a escola está localizada influenciará totalmente no público que frequenta a escola. Todas as escolas que visitamos

se caracterizaram por possuírem um público de classe média alta. Localizar-se na Cidade Universitária, por exemplo, acarreta que o público seja, na sua maior parte, universitário.

Já no critério “salas de aula”, todas as escolas ficaram muito bem colocadas no geral. Percebemos que as escolas que possuem salas menores (escola 2 e 4 – Anexo 7 e 9) são que apresentaram maiores pontuações. Atribuímos esse fato porque, como citados em todas as visitas, há uma grande preocupação com a proporção número / m². Quanto maior a sala de aula mais alunos poderiam, nessa lógica, frequentar a aula. Dessa maneira, a quantidade de alunos influencia na quantidade de bolsistas / monitores que deverão estar presentes na aula; na limpeza; na qualidade da aula, pois quanto mais alunos o professor terá que dividir mais sua atenção entre eles e outros. Além disso, colocamos que as escolas menores consigam manter as salas de aula e o restante de suas estruturas em melhores estados de conservação, limpeza.

Quanto ao piso, todas as escolas mostraram materiais adequados à realização das aulas, no geral. Na escola 1 (no 1º caso), vimos que em uma das salas o piso é feito de revestimento cerâmico material que não recomendamos. Recordamos que não recomendamos esse material para a realização das aulas por apresentar algumas, mesmo que poucas, irregularidades no piso que não deixem eles extremamente planos. Nos vãos entre uma lajota de cerâmica e outra os alunos podem enganchar seus sapatos e acidentarem-se. Na escola 3 (3º Caso) o material do qual era constituído o piso não era assoalho ou taco de madeira, porém se mostrou bastante apropriado. Tratava-se do cimento queimado com um revestimento de cera específica. O piso era liso, extremamente plano, porém não escorregadio. O responsável pela escola disse que foi uma solução que não demanda tanto investimento como o assoalho ou taco de madeira mas oferece-se aos alunos um meio adequado à realização das aulas.

A aparelhagem de som também se apresentou, em todas as escolas, adequada. Observamos variedade no modelo dos aparelhos, porém todos sempre de muita qualidade e as caixas bem distribuídas pelo espaço favoreciam um som ambiente uniforme. Paulo Zanandré, depois que terminamos o depoimento comentou sobre uma palestra que ministrou e que achamos muito interessante. Ele fala sobre a dança de salão e a evolução tecnológica:

Um dia eu dei uma palestra no Conservatório Carlos Gomes. Nela eu dancei e falei a história dos avanços tecnológicos e da relação com a dança. Você tem noção? Nós, da nossa geração, já passamos por tanta coisa! A gente veio do vinil, depois fomos para o cassete. Do cassete evoluímos para aquelas pastas enormes e pesadíssimas de CDs que levávamos para todas as aulas onde quer que fosse que fossemos. Em seguida veio o MD, depois o MP3, Ipode, depois, por último, o laptop. Hoje com o computador em sala de aula é muito bom! Conseguimos unir o som, a imagem, a atualidades e trazer tudo isso, ali na aula, para nossos alunos... A gente se endivida pelo aluno para podermos oferecer para ele tudo de melhor. A gente evoluiu junto com a tecnologia... (ZANANDRÉ, Anexo I)

O fato dos aparelhos de som ser de modelos diferentes não influencia na aula diretamente. Para a realização das aulas é necessário somente da música, de que o som esteja bem distribuído pela sala e que dê para ouvi-la claramente, sem ruídos ou chiados. Quanto mais nova, mais moderna a aparelhagem, mais luxo ela dará à aula.

Notamos que na primeira escola a limpeza do vestiário ficou um pouco a “desejar”. Nas demais, todas estavam bem limpas e com a limpeza bem conservada. Sobre a limpeza consideramos que seria ótimo que todas as escolas dispusessem de um funcionário para cuidar de sua manutenção (OLIVEIRA, 1997). Entretanto sabemos que, diferentemente das academias de ginástica, a maioria das escolas de dança não tem aulas tão freqüentes como as academias. Dessa maneira, os donos das escolas contratam somente um funcionário responsável pela realização e manutenção da limpeza que, normalmente acontece apenas uma vez no dia (na maioria das vezes), em dias alternados ou somente uma vez na semana.

Conforme consideramos, no início do trabalho, para a análise dos vestiários consideraremos a presença ou não de chuveiros e armários. 50% das escolas visitadas dispunham de banheiros com duchas. Quando perguntamos aos responsáveis dos motivos pelos quais eles não dispunham de duchas, ambos colocam que não é de fundamental importância para uma escola de dança de salão. Mesmo não sendo de suma importância, a presença do chuveiro nos vestiários, bem mais que a presença de armários, possibilita certa comodidade aos alunos. Após as aulas, os alunos, caso queiram, podem tomar banho e irem trabalhar ou sair com os amigos, por exemplo. Na escola 3 apesar de não haver armários

com cadeados, encontramos uma espécie de “estantes colméias” nos quais os alunos podem organizar seus pertences durante a aula.

Notamos que as escolas que apresentaram chuveiro foram as mesmas que demonstraram interesses em ministrar não somente aulas de dança de salão.

Todas as escolas dispunham de estacionamento próprio. Na escola 1 e 3 encontramos vagas grandes, amplas. Na escola 2, as vagas eram apertadas e poucas. A escola 4 apresentou o estacionamento em local fechado. Apesar de possuir poucas vagas esse fato é um diferencial. Em nenhuma das escolas encontramos manobristas e seguranças. Todos os estacionamentos são bem iluminados e conservados. Todas as escolas, neste critério, tiveram boas classificações.

Quanto às salas de recepção, cada uma apresentou-se de uma maneira diferente. Na Escola 1 encontramos uma sala bem simples com uma espécie de loja com artigos específicos junto de uma “lanchonete”. Na Escola 2 encontramos dois espaços para a recepção: um deles contava com mesas e cadeiras redondas que se assemelhavam a um barzinho a beira da piscina de um clube. Além desse, encontramos uma salinha ao lado da sala de aula principal, na qual os alunos e visitantes encontram uma pessoa para resolver seus problemas e sanar suas dúvidas. Já na Escola 3, apesar da sala de recepção não estar antes da sala de aula, todas as duas salas de aula contavam com mesas e cadeiras para que os alunos que cheguem se acomodem. Na Escola 4 encontramos uma sala de espera muito confortável e agradável, na qual encontramos artigos específicos de dança de salão que estavam sendo vendidos. Todas elas ofereceram um diferencial. Umas com mais luxo, outras com menos, porém, todas ofereceram um local para espera satisfatório. Sendo de uma maneira ou de outra, todos os espaços apresentaram-se muito limpos, iluminados e bem ventilados.

Para a análise da infra-estrutura, vale lembrar todas as escolas que visitamos ofereceram algum fator que lhe conferia “luxo”. Na primeira escola o diferencial foi o material atual que está sempre presente na sala de aula: o computador. O computador propicia muitas possibilidades para o professor dinamizar a aula e mostrar de diferentes maneiras o conteúdo para o aluno de maneira a facilitar o aprendizado. Já na segunda escola, além da recepção “estilizada” (que se assemelha à mesas a beira de piscina), encontramos uma lojinha de artigos específicos muito bem equipadas, uma sala de

descanso e uma mini-lanchonete. Na Escola 3 encontramos a casa noturna que possibilita a reunião dos alunos após as aulas. E, por fim, a Escola 4, além do estacionamento coberto e em espaço fechado que dá mais segurança aos alunos, oferece também um “Espaço Cultural” com bar ao fundo da casa, próprio para a realização de eventos culturais e sociais como pequenos bailes, degustações, etc.

Sobre a formação dos profissionais, felizmente todas as escolas possuíam pontuação satisfatória! Em 75% encontramos pelo menos um professor graduado em Educação Física. Todos os professores de todas as escolas possuíam formação específica em ritmos de dança de salão o que nos surpreendeu positivamente! Todas elas, também, estimulam que seus professores realizem cursos de atualização regularmente. Somente a Escola 4 não custeava ou ajuda nos custos dos cursos realizados pelos professores. Todas as escolas ficaram bem colocadas quanto a formação. Entretanto, a maioria delas, senão todas, não tiveram boa classificação quanto ao contrato dos professores. Nenhuma delas relatou registrar o seu professor. A maioria possui somente o contrato verbal com seus professores, o que é um fato muito negativo. O contrato verbal não oferece nenhuma segurança e/ ou estabilidade ao profissional. Dessa maneira, como o profissional se sente a vontade, por exemplo, para fazer uma falta justificada, causada por motivos de doença? O fato de não existirem contratos com cláusulas não permite tranquilidade ao profissional. Sabemos de casos nos quais professores ficaram doentes, justificaram para seus empregadores, entretanto, semanas depois os empregadores trocaram de profissionais. Na Escola 1 foi citado o contrato como terceirizado, prestador de serviços. Apesar de não ser o que consideramos ideal (carteira assinada), já é bem melhor do que somente o contrato verbal.

10. Considerações Finais

Como já citamos anteriormente, a procura pela dança de salão aumentou muito nos últimos anos e, com ela, o aumento do oferecimento de aulas. Notamos, ao longo do trabalho que muitos locais oferecem o serviço, porém nem sempre existe qualidade neste oferecimento. Por isso consideramos necessária a avaliação tanto do espaço físico, como dos serviços oferecidos, dos professores e outros funcionários.

Este trabalho trás importantes considerações sobre a história da dança de salão em Campinas que não constam em nenhum outro trabalho e que, neste, por não se tratar do tema central, acabaram ficando em segundo plano. Temos a pretensão de dedicar a escrita de um artigo ou outro documento com o tema “História da Dança de Salão em Campinas” no qual trabalharemos mais profundamente esta questão e traremos informações adicionais.

Para que os critérios de avaliação das escolas de dança apontados neste trabalho sejam utilizados, será necessário elaborar um instrumento de avaliação e buscar, junto a sociedade civil organizada, meios para viabilizar este trabalho.

Os casos estudados nos mostram que, apesar de adaptadas, no geral as escolas possuíam ótimas estruturas. Entretanto, nossa preocupação com a formação do profissional continua. Nos mesmos casos, as escolas demonstraram possuir bons professores.

Este trabalho vem com a finalidade de apresentar critérios referentes à avaliação das escolas de dança de salão. A partir da análise dos critérios colocados, um cidadão pode escolher entre uma escola ou outra, verificando qual a melhor opção para ele.

Como dissemos anteriormente, não temos um padrão, um consenso sobre os gestos técnicos da dança de salão, o que, talvez, pelo menos em nosso entendimento, seria necessário para o oferecimento, por qualquer órgão, de qualquer tipo de “selo de qualidade” aos profissionais de dança de salão. Sabemos da existência de um movimento a favor da padronização dos movimentos e nomenclatura dos termos, conforme citamos no trabalho. Consideramos a dança de salão como uma prática corporal construída cultural e historicamente como uma espécie de expressão artística. Entendendo-a dessa forma devemos ter cuidado ao buscar a padronização pois se trata de um assunto bem delicado. Somos a favor da nomenclatura “universalizada” e da padronização dos movimentos técnicos PARA O ENSINO, porém não para a realização da dança padronizada, fechada, igual num salão, por exemplo. Acreditamos que não existem dançares certos e errados. Acreditamos que existem “dançares diferentes” e que nenhum é superior ao outro. Os professores, uma vez que a padronização dos movimentos aconteça, devem usá-la para que, aonde estiver o aluno possa entender o que outros professores e outras pessoas em diferentes lugares, quiçá em outros países, falam. A partir dos movimentos “padrões” os alunos poderiam criar seus próprios movimentos, sua própria dança, construindo-a da maneira que achar melhor, mais pertinente, a partir de seus sentimentos, ações, emoções.

Além da falta do padrão dos movimentos, mais que isso, não temos um “consenso” sobre a formação do profissional. Refletimos: E então, qual é o conhecimento necessário ao profissional de dança de salão? O que precisa saber? O que dá identidade à esse profissional? A partir dessas dúvidas, ainda nos perguntamos: será que a padronização nos gestos técnicos traria com ela uma identidade do profissional de dança de salão? Será que a regulamentação assegura realmente a qualidade do profissional, sua boa formação? Será que a regulamentação resolveria todos esses problemas? Será que ela “protegeria a sociedade dos maus profissionais”? Ainda mais: se considerarmos o fato da regulamentação “proteger o cidadão”, não estaríamos considerando que o cidadão não tem capacidade de escolher o que é melhor para ele? Não. Realmente não é isso que achamos. No campo da educação física no que tange ao seu processo de regulamentação da profissão. 10 anos após a promulgação da lei nº 9696/98, nada indica que a regulamentação da profissão de profissional de educação física - além de fortalecer um setor reconhecidamente conservador da educação física brasileira - trouxe benefícios a ele, profissional, à profissão e à sociedade que deles faz uso.

Ficamos felizes por este ser um dos primeiros trabalhos sobre critérios de avaliação de dança de salão. Sabemos que sendo um dos poucos a discutir o tema academicamente na Faculdade de Educação Física da Unicamp, temos muito a caminhar, muito a aprender. Sabemos que também a partir deste trabalho surgem muitas dúvidas e sugestões que são muito bem quistas. Reforçamos, aqui, que este trabalho trata-se de reflexões e uma proposta aberta para a avaliação das escolas e que, sabendo disso, estamos, abertos a críticas e sugestões.

Este trabalho despertou em nós o interesse pela continuação do estudo e pelo aprofundamento no mesmo. Como dissemos no início do trabalho este é apenas o início de uma longa jornada. Além de prosseguir na pesquisa histórica sobre a dança de salão em Campinas, o trabalho nos despertou interesse para estudar mais profundamente a questão polêmica da regulamentação da profissão e também discutir mais sobre a classificação e os critérios aqui trazidos.

Por fim, lembramos que

Dançar é uma prática comum na nossa sociedade e há que se pensar que sofremos diversos estímulos que nos levam à prática da dança. Já que somos de certa forma incentivados a dançar, temos atualmente que ser incentivados a refletir acerca desta prática comum (...). (SOUZA, 2008)

9. Referências Bibliográficas

AGEMCAMP, Agência Metropolitana de Campinas. **Notícia**. Disponível em: <<http://www.agemcamp.sp.gov.br/modules.php?name=News&file=article&sid=13>>

Acesso em: 24 out. 2008.

ARRUDA, Solange. **Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana**. São Paulo, SP: PW Gráficos e Editores Associados, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 13 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Estatuto do Conselho Federal de Educação Física**. Publicado em: 5 fev. 2002. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=213>. Acesso em: 9 set. 2008.

FLORIÃO, Luís. **Associação Nacional de Dança de Salão**. Disponível em: <<http://www.dancecom.com.br/andancas/>> Acesso em: 9 set. 2008.

GOMES, Jussara Vieira. **Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil**. Disponível em: <<http://falandodedanca.blogspot.com/2007/06/um-pouco-de-histria.html>>. Acesso em: 09 set. 2008.

LISTA ON LINE. **Escola de dança de salão em Campinas.** Disponível em: <<http://www.listaonline.com.br/web/companyCategorySEC.aspx?goo=1&/2245/Escolas-de-Dan%C7a/336/S%C3o-Paulo/3861/CAMPINAS/Escolas-de-Dan%C7a-CAMPINAS.htm>>. Acesso em: 8 set. 2008.

LUFT, Celso Pedro. **Mini Dicionário Luft.** 3 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

MESQUITA, Raquel. **Um pouco de história.** Disponível em: <<http://www.dancadesalao.com/agenda/index.cgi?x=rachel-historia.htm>>. Acesso em: 20 set. 2008.

NUNES, Luiz Carlos. **Cartilha didática da classificação de hotéis.** Disponível em: <http://www.abih.com.br/principal/form_pedcartilha.php>. Acesso em 30 ago. 2008.

OLIVEIRA, Diná Tereza Ramos de. **Critérios para Avaliação das Academias de Ginástica: Uma Questão de Políticas Públicas.** Trabalho de monografia – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, SP 1997.

PERNA, Marco Antonio. **Samba de Gafieira: A História da Dança de Salão Brasileira.** 1 ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2001.

RODRIGUES, Vagner. **Fora da mídia e dentro do Salão: samba-rock e mestiçagem.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.

SALVAGNE, Carla. **Um pouco de história: Madame Poças Leitão.** 2007. Disponível em: < <http://falandodedanca.blogspot.com/2007/06/um-pouco-de-histria.html>> . Acesso em: 9 set. 2008.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio ao Pequeno e Médio Empresário. **Escola de Dança de Salão: Série Ponto de Partida Para o Início de Negócio.** Belo Horizonte: 2006.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio ao Pequeno e Médio Empresário. **Escola de Dança de Salão: Série Ponto de Partida Para o Início de Negócio**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/setor/cultura-e-entretenimento/minha-empresa/quero-abrir-um-negocio>>. Acesso em: 9 set. 2008

SOUZA, Maria Inês Galvão (coordenadora). **Me divirto dançando: uma etnografia dos espaços populares de dança na cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://grupoanima.org/wp-content/uploads/danca_bh_2005.pdf>. Acesso em: 26 out. 2008.

ANEXOS

Anexo 1

Depoimentos colhidos no dia 20 de setembro de 2008

Local: Escola de Dança Paulo Zanandré, Campinas – São Paulo

Entrevistados: Paulo Zanandré

Idade: 41 anos

Profissão: Professor de Educação Física formado pela PUCC e professor de dança de salão.

Tempo na profissão: 22 anos.

Danço desde pequeno. Mamãe coloca-nos nos pés. Toda a nossa família era muito festeira. Mamãe era dançarina e papai músico. Todos nós tínhamos dupla profissão. Meus irmãos também eram músicos.

Sou da época que dança não dava dinheiro. Tudo era muito complicado para um professor de dança. Arrumar crédito, namorada, família... Sofríamos muito preconceito. A gente vivia porque sobrevivia. Hoje dá para viver bem trabalhando com dança de salão, mas trabalhando das 6 horas da manhã até à meia noite!

Sobre a dança de salão em Campinas: antigamente como era?

Considero que a dança de salão em Campinas pode ser dividida em duas fases: antes e depois da lambada. Antes da lambada, quando eu era moleque, eu ia para muitos bailes. Tinha muito baile nos clubes. Pelo que me lembro, a Neide Redivo foi a primeira professora. Ela e a Odette Motta Raia. Ela, a Neide, vivia a dança de salão. Isso foi mais ou menos em 1986, 1987. Ela, na época, já tinha aproximadamente 50 anos de idade. Hoje ela deve estar com 85, 90 anos de idade. Ela se vestia de branco. Ela era “grossa”, mas,

ao mesmo tempo, a visão de como eram os bons professores na época era essa: os melhores eram grossos. Eu lembro! Tinha até a palmatória! Não podemos crucificá-la por isso. Ela dava aula nos clubes tradicionais e tinha também muitas aulas particulares. Ela também dava aulas em grupo. Mas tudo isso era meio que “no gueto”. Era uma coisa para velho, diferente do que é hoje. E era para casais. Não tinha solteiro não. Aquela época era a época das danceterias das boates, um pouco antes do Michael Jackson.

Onde se dançava?

Tinha os forrós, mas era mais as empregadas domésticas, o nordestino, a classe menos favorecida que freqüentava. E eu ia! O pessoal dizia que lá tinha os homens com as peixeiras, diziam que tinha muita violência. Havia era muito preconceito. Essas pessoas eram humildes. Elas vestiam sua melhor roupa para ir dançar.

No clube dos Veteranos, o baile era tradicional. Não podiam entrar pessoas sem meia ou sem terno. A noite campineira era muito boa, muito forte. As pessoas vinham de longe para cá. Era muito boa mesmo. Tinha muitas opções também. E era mais tranquilo e menos violento. Hoje é muito perigoso.

Como as pessoas aprendiam a dançar?

Não tinha muitas aulas nessa época. A gente aprendia a dançar na noite mesmo. A gente fazia mais “dois para lá e dois para cá”. Era o mais simples e cada um fazia sua “brincadeira”. Quem fazia era quem tinha o talento. Criava mais. Enfeitava mais. Todo mundo dançava bem. Não tinha essa de “dançar estranho” como a gente fala hoje. Simplesmente se dançava “diferente”.

Aí veio a lambada. A lambada dói um sonho inesquecível. Ela não trouxe só a dança a dois novamente. Ela trouxe uma geração de professores. Trouxe a dança a dois que não se fazia mais no tempo da disco. Reconheço também que tinha muita gente boa na época do disco: John Travolta, o pessoal do Samba-rock. A lambada revolucionou! Quem trouxe a lambada para Campinas foi o Luis, dono da boate Griff. A Griff era a “Cooperativa Brasil” para os universitários. A gente já dançava lambada. Mas dançava

porque conhecia pela televisão. Aí, o Luis me convidou para buscar o casal de professores em São Paulo para dar um curso de lambada. Depois eu assumiria as aulas. O casal era de Porto Seguro. Ela trabalhava com danças brasileiras, folclóricas e ele com a lambada. Ele um baixinho feio e ela uma morena muito bonita que simpatizou comigo e por isso me ensinou muito. Tanto que depois eu ganhei campeonatos. Eles deram o curso várias vezes. Eles eram bem pagos, bem tratados. Eram tratados como “reis”. E eles dançavam muito bem. A lambada foi uma febre mundial não só aqui no Brasil, como o forró.

Depois que eles me ensinaram assumi junto com a marcinha, Raquel e a Helena. As duas ultimas ficaram pouco. Já a Marcinha não. Ela dançava muito, inclusive foi minha parceira. Mas depois ela também casou e engravidou. Aí, depois Campinas começou a ficar pequeno e eu fui fazer cursos em outros lugares. Fui para São Paulo fazer mais cursos. Nós, os professores e dançarinos, trocávamos muitas informações. Nada era pago. Era tudo por amor. A gente era tudo endividado. Aí, começou um querer a passar o pé no outro. Acho que foi aí que começou a comercialização da dança.

Eu já dava aula antes da lambada. Na Griff, no Cambuí tinha um bar que eu dava aulas, em casa na garagem... Eu ministrava aulas de lambada, mas queria ensinar outros ritmos também. Aí eu “usei” a lambada e coloquei outras coisas. Eu instigava as pessoas às outras coisas. Tive muitos alunos nessa fase. Mas eu ainda trabalhava todo dia com natação.

Depois disso, muitos professores desapareceram com o fim da lambada e muitos continuaram. A Neide Redivo chamava a gente para fazer show. Ela era como uma empresária. Depois de um tempo eu criei minha própria equipe. O Vagner Axé, o Celso e o Amaury davam aula no centrão. Eles tinham o “Baila Comigo”.

Anos depois, fui buscar na escola Maria Antonieta, da mestra do Jaime Aroxa, novidades. Eu fui e estudei este método/ estilo que lá eles ensinavam por três anos. Eles me permitiram ensinar esse estilo. O estilo era novo. O pessoal daqui trabalhava o galego (samba) e eu passei a ensinar o samba de gafieira. Perdi quase 200 alunos. Fiquei com muito pouco. O pessoal tirava sarro de mim. Antes, todos os ritmos eram dançados da mesma forma. Agora tinha aprendido que cada ritmo tinha um jeito específico de dançar. É difícil quando o pessoal se acostuma. Eles não querem mudar, tem medo. Eu passei por

muita coisa difícil. Foi muita batalha. Não era tudo mastigadinho como vocês recebem agora.

Aí a dança de salão cresceu. Veio a modificação do bolero, do samba, cha-cha-cha, zouk, salsa... Os grandes bailes de antigamente viraram bingos, os bares, farmácia e assim foi e a globalização tá deixando a dança como computador: cada vez mais rápido.

Hoje existe um movimento para a unificação dos nomes dos movimentos para que a gente possa, desse jeito, facilitar no aprendizado.

Uma mensagem:

Entrando na Argentina eu vi uma frase que ilustra muito bem o momento que estamos vivendo aqui na minha casa de dança de salão. “Aprender é muito mais que estudar” e a dança para mim é “coração a 4 pernas”, é o “perfume da alma”.

O conselho que eu deixo hoje é que as pessoas não se esqueçam das coisas simples como o cheiro. Que as pessoas então se lembrem do simples. Dançar é bom, é divertido e é fácil: para aprender basta começar. Desejo que a geração nova dos professores venha com mais sentimento de amor, amizade e união.

No final, depois de terminarmos a gravação do depoimento, ele comentou de uma palestra muito interessante que deu no Conservatório Carlos Gomes. Segue:

Um dia eu dei uma palestra no Conservatório Carlos Gomes. Nela eu dancei e falei a história dos avanços tecnológicos e da relação com a dança. Você tem noção? Nós, da nossa geração, já passamos por tanta coisa! A gente veio do vinil, depois fomos para o cassete. Do cassete evoluímos para aquelas pastas enormes e pesadíssimas de CDs que levávamos para todas as aulas onde quer que fosse que fossemos. Em seguida veio o MD, depois o MP3, Ipode, depois, por último, o laptop. Hoje com o computador em sala de aula é muito bom! Conseguimos unir o som, a imagem, a atualidades e trazer tudo isso, ali na aula, para nossos alunos... A gente se endivida pelo aluno para podermos oferecer para ele tudo de melhor. A gente evoluiu junto com a tecnologia...

Anexo 2

Depoimento colhido no dia 25 de outubro de 2008

Local: Bairro Jardim Primavera, Campinas – São Paulo

Entrevistada: Odette Motta Raia

Idade: 85 anos.

Professora de ballet, música, professora de artes.

Nasci dançando!

Dizia mamãe que eu já dançava dentro de sua barriga. Aprendi muita coisa sozinha, cresci e na adolescência papai construiu um estúdio nos fundos de nossa mansão e contratou um professor russo que havia chegado a pouco da Rússia para ministrar minhas aulas de dança clássica e folclórica. Tudo isso, no maior sigilo, pois, naquele tempo moça de família não fazia dança pois, estávamos em 1935.

Assim foram uns três anos, até que a professora russa (Maria Olenewa) chegou ao Brasil. Montou uma escola e lá fui eu; Aprendi muito, participei do seu corpo de baile e os anos se passaram, até que cheguei aos meus 85.

Dancei muito e dei muita aula durante anos na minha academia que durou 25 anos de trabalho intenso. Com o avanço da idade chegando, fui passando o bastão para minhas filhas Olenka e Claudia além de muitos professores de yoga, manequim (passarela clássica e coreografada), teatro, música, capoeira, expressão corporal, ballet clássico, moderno e jazz.

Sobre a dança de salão em Campinas: antigamente como era?

Depois de um tempo de academia, pessoas começaram chegar a procura de dança de salão. Mamãe (Ernestina Motta) que dançava muito bem, tocava piano e cantava, assumiu o curso de dança de salão ministrando todos os ritmos. Eu assumi também esse curso dando aulas de ritmo porque notei que muitos alunos tinham dificuldades. Iniciamos

o curso com a “Valsa”! Como a marchinha, o samba, o tango, o bolero, chorinho, maxixe e fox trote. Esses ritmos ainda se conservam em bailes tradicionais e da Saudade. Quem procurava dança de salão eram os senhores, senhoras, pessoas de todas as classes sociais e idades.

As primeiras aulas de dança de salão fui eu quem ministrou junto com a mamãe, que deu aulas até os 80 anos, sendo chamada de “vovó da academia”. As aulas não eram dadas ou ensinadas como hoje, onde formam grupos grandes e ensinam todos ao mesmo tempo. Antigamente, no meu tempo de academia, as aulas eram diferenciadas, individuais. Quando chegavam os casais, eu e mamãe pegávamos separadamente o casal para ensinar o ritmo, os compassos corretos para cada um. Depois que dominavam bem o ritmo, nós juntávamos os casais. Quando a aula era individual usávamos o mesmo processo. Quando prontos, já podiam freqüentar a sociedade. Esse método, claro, é bem mais trabalhoso porque o ensino era totalmente individual e hoje, é bem mais fácil e prático, porém em minha opinião eu acho que da maneira antiga era mais proveitoso e o aluno aprendia mais rápido e correto porque as atenções eram totalmente voltadas para o aluno. Bem, nunca tivemos grandes grupos para ensinar, era no máximo 5 casais para render o trabalho e ter qualidade de ensino e atendimento.

Neide Redivo (professora de dança de salão) eu a conheci muito superficialmente, sabia que era uma boa profissional pelos comentários mas nunca me interessei pelo trabalho de outras academias, porque eu tinha tantos alunos e tantas aulas para dar e responsabilidades que não havia tempo o suficiente para ter esse interesse. Eu tinha um nome profissional muito respeitado, tinha que zelar por isto e fazer meu trabalho com muito amor, para fazê-lo bem.

O romantismo que havia antigamente não existe mais, ou seja, dançar juntinhos, coladinhos, e ouvindo juras de amor ao som da valsa dolente. Foi se o tempo do romantismo, hoje os valores e ritmos são outros como: a salsa, chá-chá-chá, rock, hip-hop, pop, e música eletrônica onde os casais dançam separadamente e sem nenhum romantismo.

Mensagem:

*“ O ritmo eleva o espírito,fazendo com o que os problemas existentes desapareçam
enquanto se dança.Respeitem suas damas”*

Anexo 3

Depoimento colhido em 29 de novembro de 2008

Local: Hospital das Clínicas de Campinas

Entrevistado: Amaury Fernandes

Idade: 46 anos

Tempo de dança: 21 anos

Eu uso a Dança de Salão como ferramenta para a Qualidade de Vida. Há pouco tempo eu apresentei um trabalho no SIMTEC (Simpósio de Tecnologia) um trabalho sobre dança de salão e qualidade de vida.

Sobre a história da Dança de Salão aqui em Campinas, o que você poderia me contar?

Sobre a dança? Bem, foi na década de 60. Foi a Lina Penteado, na academia dela que começou com as aulas de dança aqui em Campinas. Aqui tinha vários bailes sociais. E nos bailes tinha dança, mas não era “dança de salão”. Eram “danças sociais” que o pessoal chamava. A terminologia dança de salão mesmo foi bem depois que começou a ser utilizada. Até mesmo para diferenciar os tipos de dança.

Além da Lina, tem a Neide Redivo que também é uma das mais antigas. É uma das mais tradicionais como a Madame Poças Leitão em São Paulo, na década de 30, 40, por aí. Inclusive, a filha da Madame Poças está levando hoje a academia que era da mãe.

Quando procurei pelos professores mais antigos daqui de Campinas me indicaram a Odette Mota Raia, a Neide Redivo, o Paulo Zanandré, o Wagner Axé e você.

Esqueceram também da Lucy. Lucy Fornier. Hoje ela parou de dar aulas. Hoje ela dança para se divertir. Mas foi ela quem me chamou para dar aulas de lambada na academia dela, que ela tinha com a Cacilda Ikesire, uma japonesinha, que hoje, inclusive, está no Japão. Isso foi em 1987. Já estava terminando a lambada. E de lá para cá comecei

a academia. Eu dava aula já a uns três anos de lambada. Ela me chamou para dar aulas específicas de lambada. Ela (Lucy) e a Cacilda davam aulas de bolero, samba, o galeguinho, e eu fui com a lambada. O Paulo Zanandré também dava aula nessa época. Ele começou a dançar na noite. Ele tocava também com o grupo musical dele, dava aulas de natação, depois se enveredou para os lados da dança de salão.

...Sobre seu próprio trabalho...

Além disso, nessa época, eu fiz parte de um grupo chamado “Liberdade, Canto e Dança”, que era um grupo de ballet afro. Dois anos depois que comecei a trabalhar lá, elas chamaram o Axé. Deu aulas de samba-rock e outros ritmos. Depois ele foi para o Rio, estudou bastante e depois de um tempo, abriu a academia dele.

Eu uso a Dança de Salão como ferramenta para a Qualidade de Vida. Há pouco tempo eu apresentei um trabalho no SIMTEC (Simpósio de Tecnologia) um trabalho sobre dança de salão e qualidade de vida. Inclusive estamos com um grupo de dança de salão aqui na Unicamp. Comecei a trabalhar aqui na Unicamp em 1977. Nessa época eu só dançava na noite. Eu era menino ainda, tinha 15 anos. Dentro desse tempo todo, quando eu trabalhei um tempo na faculdade de educação. Minha pedagogia, praticamente, aprendi por osmose. Minha formação é autodidata. De tanto conversar com as pessoas de lá, ter contato com as pesquisas, as monografias, teses e etc, aprendi muita coisa. Em 1994, um professor amigo meu da graduação, ele falou assim que os alunos dele depois da minha aula de dança ficavam ouriçados. Ele me perguntava o que eu fazia. Eu respondia que só estava dando aulas de dança. O pessoal saía de lá totalmente “energizados”. Eu possibilitava a troca de energia, a mudança de rotina. Tem que dar uma quebrada na rotina. O pessoal reenergizava tanto para a parte do trabalho, como para a parte social, pessoal, emocional. A cabeça deles ficava tranqüila. O professor falava: ‘Olha, Amaury, tá muito bom! Não para esse trabalho não.’

E você nunca escreveu nada sobre esse trabalho? Nenhum texto, artigo...?

Não. Nada por enquanto. Nunca escrevi não. Inclusive esse professor amigo meu sempre me estimulou a escrever. Eu teria muito para escrever. Tem muita coisa. Fiz um trabalho com pessoas com Síndrome de Down, tem também o trabalho com as crianças de

3 anos daqui da creche da Unicamp... Ih, tem um monte de coisa! Eu fico muito orgulhoso de ver o resultado das crianças, por exemplo. Como era o comportamento antes e como ficou depois da dança de salão. Por esse motivo, eu digo aos novos professores que saiam um pouco da mesmice comercial da dança de salão porque ela pode propiciar algo muito maior. Por exemplo: quando eu ensinava dança de salão para as crianças, eu levava o mapa, ensinava a história do ritmo para elas, a região do Brasil ou do mundo onde era dançada, a evolução das musicas com o passar dos anos... Eu não tenho formação específica, uma graduação, mas eu conversei muito, por exemplo, com a Márcia Strazzacapa, com a Carminha da Educação Física. Naquele tempo ou eu trabalhava ou eu estudava. Hoje eu vejo a necessidade e também a possibilidade de fazer um curso de graduação. Eu sou muito estimulado a escrever sobre minhas experiências. São 21 anos de dança de salão. Trabalhar a parte comercial da dança de salão é muito bom, mas trabalhar também a parte humana nas empresas é muito importante. Com a dança de salão podemos trabalhar ‘o lado humano’ do funcionário, ajudar para que o funcionário deixe de ser funcionário e seja colaborador da empresa, para que o funcionário sinta prazer em fazer aquilo. É muito simples: arrume um espaço na sua empresa para que o funcionário possa trabalhar esse lado humano e se sentir melhor, ter uma qualidade de vida maior.

Continuando sobre a história, o que mais você pode nos contar?

Naquela época tinha a Odette, a Lucy e a Neide, como ia dizendo anteriormente. Na própria academia da Odette tinha o grupo “Chama”, inclusive a própria Claudia Raia fazia parte desse grupo. Mas era um grupo de dança em geral, não dança de salão. Isso em 1976 até aproximadamente 1981. Era um pessoal muito bom.

Além disso, os clubes ofereciam bons bailes, com boas orquestras. O pessoal se encontrava para sair. Nos áureos tempos tinha o Concórdia – que tem mais de 150 anos –, o Clube semanal de Cultura Artística, o Dom Quixote, na Rua Onze de Agosto, o Betim, o Clube dos Veteranos... Eram os bailes sociais. E o pessoal queria aprender a dançar. As danças sociais, na década de 30, fazia parte da grade curricular das escolas particulares. Fazia parte da “Educação Social” que formava a pessoa como um todo: a parte intelectual e a parte social. E uma das matérias dessa disciplina era a dança de social. Era aula de etiqueta. E quem dava aulas de dança eram mulheres, não víamos homens. As pessoas

tinham que saber dançar. Elas tinham que ter aulas de dança para poder ser um cidadão de verdade. Se as pessoas não soubessem dançar, não era uma pessoa 'sociável'. Com o tempo perdeu-se isso, infelizmente. Hoje tentamos resgatar isso aqui em Campinas.

Hoje queremos levar a dança de salão para as escolas como forma de ajudar não só na formação intelectual, mas também na formação do caráter da pessoa. Quando os alunos têm contato com alguns ritmos, tem o lance da sociabilidade, a dinâmica do abraço da dança de salão. Então você fica voltado para outra pessoa e começa aprender a respeitar os limites do outro, o espaço do outro. A pessoa começa a procurar ambientes mais agradáveis, enfim, melhores. Pela questão da saúde e da sociabilidade, então, enquanto dança, enquanto ela está num baile, por exemplo, um fumante chega ficar até 5 ou 6 horas sem fumar para poder dançar de maneira agradável e sentindo-se bem com outra pessoa. Mesma coisa uma pessoa que bebe. Normalmente, pessoas que bebem e dançam quando saem para dançar maneyram mais na bebida para poder dançar direito. Além disso, a dança de salão tem o lado terapêutico também. Dá para trabalhar a postura, consciência corporal. Por esse motivo mesmo eu não gosto do espelho. Eu gosto que a pessoa se sinta, sinta o outro e consiga realizar o movimento a partir daí. Novamente temos o respeito: respeitar o espaço do outro. E isso, com o passar do tempo, não fica só na dança de salão. A pessoa, através da dança, pode aprender a respeitar o espaço do outro no trabalho, em casa, com a família (...).

Eu coloco 5 pontos importantes para serem desenvolvidos na dança de salão: primeiramente é a harmonia (1), depois é a postura (2), ritmo (3), condução (4) e, por ultimo, a coreografia, os passos (5). Coloco essa ordem exatamente pelo fato de se a pessoa não tiver os quatro primeiros não existe dança de salão. Até porque na coreografia o aluno tem a liberdade de dar sugestões de sequência, de criar sua própria dança. Nós, como professores, podemos ensinar movimentos, não podemos ensinar estilo. Estilo cada um tem o seu. A gente dá sugestão de movimentos e o aluno faz o seu próprio estilo.

Continuando a história, mais ou menos em 1987 o Paulo já dava aula e depois o Axé veio trabalhar com a gente no “Baila Comigo” – mais ou menos na década de 90, no comecinho. Nessa época não tinha muitas academias de dança de salão. Tinha de jazz, ballet, que estava em voga. Até 1998, 1999 foram quase 10 anos como uma febre de dança

de salão, tinha muitos bailes. Foi nessa época que as danças de salão começaram a proliferar. Teve também, depois, a dança dos famosos que fez com que aumentasse a procura.

Depois dos anos 90 teve a Neide que foi parceira do Wagner Axé, teve meu irmão Marcelo Fernandes que dançava com a esposa Vera Fernandes. Antes tinha eu, a Lucy, o Paulo, Neide Redivo, Celso Jacinto. Hoje, a maioria dos professores daqui de Campinas passaram por esse pessoal. Tem o Nelson Costa, a Janine, ex-mulher do Nelson, o Leo Carioca, a Vânea da ZAP, o Leo Bilia, o Bruno Frank, o Luis que trabalhava na ZAP, o Godoy que dá aula no Nipo-Brasileiro, entre tantos outros. Esse é o pessoal mais contemporâneo.

Então a historia das escolas de dança de salão se resumem no seguinte: depois das aulas curriculares nas escolas, as pessoas procuraram aprender a dançar para poder dançar nos bailes por motivos de educação, etiqueta. Hoje elas ainda procuram a dança para aprender a dançar, mas os reais motivos são outros, até mesmo porque mudaram os valores sociais.

Muita gente desanimou de dar aulas porque tem muita gente. Os clubes também estão utilizando a dança de salão para ganharem mais associados e pessoas que dançam um pouquinho só, que não são professores, são contratadas e acaba desvalorizando o nosso trabalho, o trabalho de pessoas como eu que pesquisa, estuda.

Mensagem:

“Relacione-se melhor: faça dança de salão”

e

“As pessoas não podem perder o prazer de dançar e de se conhecer. Não importa qual a ferramenta que você use para adquirir esse auto-conhecimento e aumentar a auto-estima, a valorização do ‘eu’ que ajuda as pessoas a se relacionar melhor”.

Anexo 4

Depoimento Colhido em 4 de novembro de 2008

Local: Centro de Danças Wagner Axé Rodrigues

Entrevistado: Wagner Rodrigues

Nome Artístico: Wagner Axé Rodrigues

Idade: 40 anos

Profissão: Professor de dança de salão formado pela PUCC.

Tempo de dança: 30 anos dos quais 25 profissionalmente.

Professor graduado em Educação Física pela PUCC - Atua como professor de danças de salão, ritmos, expressão corporal, musculação e artes marciais em diversas academias de Campinas e ginástica laboral em empresas da região.

É professor em danças de salão e tango argentino habilidade desenvolvida com expressivos nomes da dança de salão no Brasil como Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus entre outros e em mais de 20 anos de experiência com danças em São Paulo, Campinas e região metropolitana de Campinas.

Coreógrafo de várias apresentações em eventos na região metropolitana de Campinas e no Workshop International Dance (Inglaterra). Professor de artes marciais (Tae-Kwon-Do) 1 Dan.*

Fundador do Centro de Danças Wagner Axé Rodrigues especializado em danças de salão, tango argentino, formação e reciclagem de Instrutores de danças, nos principais ritmos (bolero, tango, samba de gafieira, samba rock, forró, salsa, soltinho, etc.)

Sobre a história da Dança de Salão aqui em Campinas, o que você poderia nos contar? Você pode falar sobre como era, quem dançava, o que se dançava, sobre as escolas...

Bem, a dança de salão tem evoluído bastante. Na época que eu comecei a dançar – porque assim, eu comecei a dançar sem a pretensão de ser professor de dança de sala, em primeiro lugar. Eu dançava porque gostava –, isso já faz uns 30 anos mais ou menos.

Eu dançava desde moleque. Não dançava logicamente com a técnica de hoje. Isso mais tarde eu fui buscar com o Carlinhos de Jesus, com o Jaime Aroxa (...).

Antigamente, dançava-se muito bolero, muito samba. Já na década de 80 teve também a explosão da lambada. Foi o ápice da dança de salão. Eu sempre gostei muito da lambada. Nesta época, 1980, 1984, aqui em Campinas, existiam duas lambaterias – que eram as casas noturnas para se dançar a lambada. Tinha o “LambaCamp” e a “Fábrica de Areia”. A lambada, na época, é como hoje é o zouk e como há pouco tempo foi o forró. Era uma febre mesmo. E a dança de salão não para. Sempre atualiza, muda. O que acontecia era que na época da lambada se dançava muito a lambada, mas não se dançava tanto o bolero, o samba pagode, essas coisas. Porém a lambada foi uma fase. Quando ela foi perdendo a força, eu fui atrás do aperfeiçoamento. Busquei o bolero, samba, o tango – que hoje é a minha especialização.

Antes disso, como eu disse, eu não dançava profissionalmente. Tinha a Neide Redivo, o Celso Jacinto, a Lucy Fornier, a Cacilda, o Amaury, eu também cheguei nesta época (quando cheguei, eles já estavam na ativa). Quando eu comecei, começou junto comigo o Paulo Zanandré. Nós somos os que ficaram daquela época. Já dos anteriores a nós, hoje permaneceram o Celso Jacinto e o Amaury. Hoje existem muitos professores que de dança de salão. Estava conversando com o Paulo esses dias sobre isso. Fiz um levantamento aqui em Campinas e descobri que hoje existem mais de 180 professores de dança de salão (ou pessoas que se consideram professores de dança de salão). O problema de hoje é que, infelizmente, toda academia de musculação, de ginástica, oferece a dança de salão no pacote de matrícula do aluno como um atrativo a mais da academia. Então, o que acontece: aparece muita gente que ensina dança de salão, mas não estuda dança de salão, não vão atrás de pesquisar o que é dança de salão. Essas pessoas normalmente pensam assim: ‘Eu danço bem então eu vou ensinar’. Isso é complicadíssimo. Às vezes você pergunta para o professor a origem do ritmo, de onde veio, o que é isso ou aquilo outro e a pessoa não sabe responder. Eu já estive presente em aula e a professora olhou para mim e falou ‘Pelo amor de Deus, você precisa ir embora senão eu não vou conseguir trabalhar’. É complicado...

Vou te contar o que aconteceu: eu tava passando esses dias numa rua e vi lá: ‘Aulas de dança de salão: R\$ 5,00’. Ai eu pensei ‘Nossa! Que estranho’. Liguei lá e

agendei uma aula experimental. Cheguei atrasado. Desculpei-me e entrei na aula. Apesar de eu não conhecer a pessoa que estava dando a aula, ela me conhecia, sabia quem eu era, a minha formação. Então ela falou aquilo que eu te falei. Aí eu falei 'Eu vou embora, mas que bela profissional você é. Se você não tem a capacidade de dar aula na minha frente você não está gabaritada para dar aula de dança de salão'. Nem 'Boa noite' ela me falou. Bem, ela continua a dar aula. É incompetência (...).

Hoje, todos os professores da minha escola foram meus alunos. É lógico que as pessoas que começam a despontar, se têm um interesse, eu dou um treinamento. Tem duas meninas que estão chegando aqui que estão nessa situação. Então o que eu ensino para elas: eu ensino toda a parte técnica e pedagógica para que elas possam aprender a ensinar. Então elas vêm na minha aula em grupo e, além disso, eu marco com elas a tarde para que elas aprendam ainda mais e eu ensine essa parte técnica, pedagógica, tudo isso. Uma das minhas parceiras, a Irene, ela também é formada pela Pucc em Educação Física, e também dá aula aqui.

Já que entramos nessa conversa, eu gostaria de fazer uma pergunta para você, Wagner: para você, um professor de dança de salão deve apresentar que quesitos? Você acha que ele deve ter alguma formação, alguma graduação específica? Ele deve ser um profissional de educação física, assim como você?

Bom, para a dança de salão não. Se fosse trabalhar com alguma outra modalidade como pilates, ioga, alongamento que exige mais do corpo e tem maior possibilidade de gerar uma lesão, aí sim, mas para dança de salão não. Existiu até um movimento que tentou fazer com que todos os profissionais da dança tivessem o CREF para poder exercer sua profissão. É complicado isso. Quem encabeça isso? Vamos pegar os maiores nomes da dança de salão daqui do Brasil: Carlinhos de Jesus e o Jaime Aroxa: eles não são professores de educação física. O Jaime, talvez, tenha o DRT, por causa do ballet. É como se fosse um CREF da área do ballet, de dança. O próprio Carlinhos tentou fazer algo a favor disso. Ele tentou abrir um curso superior de dança de salão no Rio, mas, aparentemente, não vingou. Acredito que como não tem sido mais comentado provavelmente é porque não tenha dado certo. Aqui no Brasil, infelizmente, não tem uma regra para a dança de salão. Elas são danças populares. É diferente da Europa. Lá na

Europa existem regras para “ballroom dance” – dança de competição. Inclusive o Brasil é o único país que não participa daqui da América do Sul. Houve a tentativa de treinar um casal daqui de São Paulo para fazer parte. A diferença do Ballroom é que todo mundo tem que fazer exatamente a mesma coisa. Para você ter uma idéia do que estou querendo dizer vou dar um exemplo. Na patinação artística, assim como na ginástica olímpica, você pode fazer a coreografia que você quiser desde que a coreografia tenha certos passos, uma série de movimentos que, na competição é obrigatório que as ginastas realizem para ganhar a pontuação. Na dança de salão não tem isso. O brasileiro infelizmente não tem isso. No Brasil para tudo se dá um jeitinho. Então, você vai ao Rio de Janeiro, por exemplo, que é a capital do samba de gafieira, cada um tem um jeito de dançar, você entendeu? E é complicado julgar isso. Por exemplo: o pessoal que trabalha com o Carlinhos faz a saída pelo lado esquerdo; o pessoal do Jaime faz pelo lado direito; o pessoal da Maria Antonieta faz o quadradinho aberto; o pessoal do Jimmy trabalha com o quadrado fechado. A gente não tem como julgar. Então o que as pessoas julgam: a beleza da coreografia, a harmonia, a fluidez. As pessoas observam se os casais dançam ‘bem’, se dançam ‘bonito’. Não existe, numa competição, uma obrigação de fazer este, esse e aquele passo. Isso dificulta inclusive para dizermos, como dizíamos antes, para determinar como deve ser o professor de dança de salão. A formação é informal.

Aqui em Campinas o que acontece muito – não só aqui, mas na região toda –, como a falta de parceiros para dançar é muito grande, o que as mulheres fazem? Elas contratam os “freedancers” e o que é o freedancer? Freedancer é o cara que vai para a noite sabe fazer dois para lá e dois pra cá, faz o vai e vem e o cruzadinho. E o que a mulher quer? Ela quer dançar. O cara ensina uma coisinha aqui, outra ali e pronto: ele é professor de dança de salão. Como a demanda é muito grande de mulheres contratando esses caras, acaba queimando nossa classe. Quem realmente estuda a dança a fundo fica desvalorizado, fica para trás. Por exemplo: eu tenho aulas particulares e cobro um “x”. Esses caras cobram 80% mais barato. Ai eles quebram a gente. Só que eles fazem dois passinhos para cá, dois para lá ‘malemá’, mas, enfim, é isso o que acontece. Não existe nada que regularize a nossa profissão. Por exemplo, se existisse um sindicato ao qual os professores deveriam ser associados, que colocassem que os professores têm que ter uma formação pedagógica, saber das técnicas de ballet clássico, por exemplo... Tinha que ter

uma forma. Foi isso que o Carlinhos tentou fazer lá no Rio. Mas não consegue porque, infelizmente, a nossa não é uma classe muito unida. Se fosse uma classe unida, a gente “mandaria” na cidade. Por exemplo, as casas noturnas que cobram um preço absurdo a gente conversaria para abaixar o preço e a gente levaria nossos alunos para dançar lá. Outro exemplo é a minha própria casa noturna. Eu tenho uma casa noturna de Tango, o Caminito, aqui embaixo e eu conto no dedo as outras academias que “deixam” seus alunos virem para cá dançar. Os professores têm medo de mandar os alunos aqui para dançar e eu acabe conquistando os alunos. Tem aluno de outra academia que vem aqui e fala “Axé, não deixa que fulano de tal fique sabendo por que se ele fica sabendo ele ‘briga comigo’”. Eu acho que a academia não é “dona” do aluno. Se você é minha aluna eu não tenho o direito de falar para você que você vai ou não em algum baile. Quem sou eu para te dizer uma coisa dessas? Eu não sou ninguém! Você é simplesmente minha aluna! Não tem cabimento fazer uma coisa dessas. Infelizmente aqui em Campinas isso acontece muito. Eu acho ridículo isso. Eu vou a outros bailes e levo meus alunos comigo. Se eles quiserem mudar, eles quem sabem, eles que escolhem. Não sou eu impedindo que vá mudar isso. A pessoa quando gosta do professor ela fica independente de bailes ou qualquer outra coisa. O professor é treinado para dar aula porque a gente trabalha num mesmo padrão, mas cabe só ao professor cativar o seu aluno. E aluno dele é aluno dele e pronto.

Voltando agora à história da dança de salão, o que mais você pode nos contar?

Nos anos 80, com a febre da lambada, foi onde despontaram muitos professores de dança de salão. Em 1992 aproximadamente, voltou a se dançar a dois. Quem realmente tinha interesse de se formar como professor foi atrás de se especializar. Eu comecei a estudar e vi que a dança de salão abrangia muita coisa. E os ritmos se misturaram. Hoje, por exemplo, muitos passos de samba-rock passaram para o forró, bem como o samba de gafieira... E chegamos aos dias de hoje, mas com muita coisa modificada. Por exemplo, o bolero de hoje não é o bolero que era dançado antigamente. O pessoal mesclou muito os ritmos.

Mensagem:

“Enquanto houver dança haverá esperança de um mundo melhor”

Anexo 5

Depoimentos colhidos no dia 4 de novembro de 2008

Local: Escola de dança Leonardo Bilia.

Entrevistados:

Leonardo Bilia

Idade: 24 anos

Profissão: Empresário, formado em Business (Curso de Negócios e Finanças – no Canadá) e Professor de Dança de Salão

Tempo de dança: 15 anos

Helder Seishi

Idade: 25 anos

Profissão: Graduado em Administração Administrador, Gerente da Escola de Dança e Professor de Dança de Salão

Tempo de dança: 15 anos aproximadamente

Sobre a história da Dança de Salão aqui em Campinas? O que vocês poderiam me contar?

Quando eu comecei a dançar eu tinha treze anos. Devíamos estar em 1994. Estava terminando a época da lambada. Só tinha eu nesta idade na escola de dança desta idade. Só eu nesta faixa, o resto tudo 30, 40 anos (Leo). Eu era o mais novo. Eu ia mesmo aos bailes da terceira idade porque para dançar dança de salão era só assim. Tinha as baladas das pessoas da nossa idade, mas tocava coisas que não tinham nada a ver com dança de salão. Era aquelas coisas “puts puts”. Hoje a gente não usa mais a terminologia “baile” porque é muito antigo. Hoje a gente usa o termo “Festa de Dança de Salão”.

Quando eu ia aos bailes todo mundo parava. Era muito estranho. Acho que se perguntavam: “O que esse moleque está fazendo aqui?” Ou ainda tinha as senhoras que diziam maravilhadas: “Olha que bonitinho! Tão novinho e já dança!!”. Eu tinha o

problema para entrar também. Eu era menor de idade e tinha alguns lugares que barravam até mesmo como o “Flor de Lis”. A gente passou por certo bloqueio. A gente ia ao Betim, no Clube dos Veteranos, Flor de Lis.

Antigamente a dança era “coisa de velho”. Ou melhor: não era “coisa de velho”, mas normalmente encontrávamos pessoas mais velhas praticando. E a dança de salão sofria certo preconceito, assim como o ballet. Homens que dançavam eram vistos como “viados”, “gays”, homossexuais. Havia, assim como ainda existe, certo bloqueio social. Acho que esse era o principal bloqueio para que os jovens não participassem da dança. Hoje, no estágio atual, aqui na escola, por exemplo, tiramos pelos bailes daqui, que a “massa jovem” realmente entrou no mundo da dança de salão. A diferença que vemos é que antigamente vista como “homossexualismo” e agora não é mais vista assim. A necessidade dos homens conquistarem as mulheres. Normalmente, a mulherada quer dançar e os homens ficam sentados. O cara que dança, tem a atenção das meninas e acabam tendo mais “vantagens” com elas. O homem que dança é mais bem quisto pelas mulheres. Além disso, não esquecemos da tão bem falada “qualidade de vida”. Os médicos e fisioterapeutas recomendam muito a dança de salão.

Além disso, antigamente a dança era muito mais regrada no sentido de “ser aquilo e é aquilo que tem que ser feito”. O que o professor falava era a regra. Hoje em dia a coisa abriu espaço para a criatividade, ate mesmo a mistura de ritmos. Hoje em dia tem mais adaptação, dá para criar mais.

E hoje em dia? Como é?

Hoje, a gente sente pelos alunos que o pessoal quer coisa diferente, não quer as mesmas coisas mais. Em locais mais antigos ainda se tem o mais tradicional. Aqui não. Aqui tem muita coisa diferente. Prezamos pelo ambiente “familiar”, o aluno se sente em casa. O aluno não se sente dentro de uma empresa; o aluno se sente em casa. Não cria um clima “empresa x cliente”. Cria um clima “família”. O pessoal se encontra aqui para sair à noite. O pessoal tem procurado mais esse ambiente familiar. Aqui os alunos se sentem em casa. Tratam a gente de uma maneira carinhosa, especial, diferenciada. Aqui não

queremos que o aluno tenha o contato “frio” empresa x cliente. Queremos amizade, o sentir-se bem.

O nosso público é 90% jovem. Hoje em dia, falando de um modo geral da dança, a dança de salão se tornou jovem. Primeiro pelos ritmos, que não são novos, mas são considerados novos pela moda de hoje em dia por estarem em maior evidencia, como a salsa ou até mesmo o próprio zouk – que é a lambada francesa –, o samba. Pessoas mais velhas têm maior dificuldade corporal pela complexidade do movimento. Essas danças têm movimentos mais complexos, movimentos de alto impacto, muitos giros... Então a dança atraiu muito jovem neste sentido. O publico jovem cresceu também porque estavam interessados na relação “dança x relacionamento”. O homem que dança é mais bem quisto. Isso é algo que realmente atrai-os. É um ponto de partida para querer aprender a dançar. É lógico que no decorrer do curso eles também aprendem que é legal dançar não é só pela mulher, mas pela dança em si. Se alguém acha que aqui vai encontrar uma mulher, que vai tirar uma ‘casquinha’ da dama enquanto dança, está muito enganado. Não é o que ele vai encontrar aqui até mesmo porque aqui a gente não permite isso. Aqui, quando ele dança com ela, vai dançar respeitando, seja a mulher ou o homem. O que as pessoas vão fazer fora daqui da escola é problema delas. Hoje em dia dança de salão é muito recomendada pelos médicos.

O programa “Dança dos Famosos” da TV Globo de Televisão estimulou muito o pessoal a dançar. Porém, há algum tempo o pessoal começou a confundir show com baile. Tem muita gente que queria fazer show no baile com passos acrobáticos, aéreos e tudo mais. Mas, show é show e baile é baile. Baile se vai com o intuito de dançar, curtir a música e a pessoa com quem está se dançando e o show as pessoas pagam (ou não) para te ver dançar, elas vão lá para te ver dançar. Muitas vezes as pessoas confundem. Não há necessidade de no baile se fazer uma ‘cadeirinha’, ‘panqueca’, além de não ter espaço para isso no baile. O barato da dança é sentir. Não é a quantidade de movimento que vai fazer a gente se divertir num baile. A gente pode se divertir só brincando com a base. A base não é só ficar para frente e para trás. Dá para fazermos esse vai e volta de várias maneiras, curtindo, sem se preocupar com o pessoal que está à volta.

(... sobre os lugares para dançar de Campinas)

Hoje em dia a gente vai para São Paulo, que é nossa referencia mais próxima, e só vemos a moçada nos bailes. A procura pela dança hoje em dia é muito alta. E qual é a maior queixa: 'Onde eu posso dançar?' Estamos mais rigorosos, a gente está mais chato (no bom sentido). O que você procura? Você procura lugares melhores, que tenham pessoas que te agradem mais, procura também um lugar no qual sabe que vai dançar e isso, em São Paulo, você encontra de segunda a segunda. Aqui em Campinas não. Vamos parar para pensar: onde a gente vai dançar aqui em Campinas? Aí você vai ao Túnel do Tempo e quem está lá no Túnel do Tempo? É um publico mais velho, pessoas mais velhas. Hoje em dia o Rudá é um lugar que percebeu essa procura do publico mais jovem e tem promovido noites diferentes. Tem noite que é latina, tem uma noite de ritmos brasileiros, noite de dança de salão, noites de forró...

Teve uma vez aqui no Cancun, no Galleria, que fechou agora, tava promovendo toda quarta tinha 'Happy Hour' e depois noite latina com um grupo ótimo de São Paulo, uma banda legal, a gente conhecia e a gente tava tentando fazer dar certo. O pessoal reclamava que não tinha lugar para dançar. Entretanto, quando tinha, ninguém ia. Às vezes o problema também é esse: ou o lugar não suporta ou as pessoas não procuram. Outro exemplo é o próprio Caribbean em Souzas. É um lugar que as pessoas freqüentam bastante, mas não tem um mínimo lugar para se dançar... O pessoal vai, mas sabe também que não dá para dançar. O espaço deve ser de 4 m² aproximadamente. Lá virou um ponto de encontro.

Além disso, sobre as festas, nós mesmos fazemos bailes regulares a cada dois meses – para dar tempo do pessoal ficar com saudades.

Depois da Dança dos Famosos a dança de salão começou a ter uma procura maior ainda. As pessoas querem aprender o que passou no Faustão. Eles (alunos) começam a perceber que o que eles fazem é o que os famosos estão fazendo na TV e isso estimula. Hoje, o aluno sabe que independente do lugar que ele for dentro ou fora do país, ele vai achar a mesma estrutura técnica da dança. Existe uma tendência de unificar os passos, nomes... É lógico que dependendo do local, da região, da cultura, vai se modificar o modo de dançar, mas a estrutura da dança é a mesma. Há a tentativa de unificar para tornar a dançar algo mais "globalizado".

Além disso, aqui na escola também o que ajudou muito as pessoas a virem freqüentar as aulas foi a presença de pessoas famosas aqui na escola.

E as aulas de dança de salão? São módulos? Como funcionam?

Trabalhamos com a dança de salão e também com cursos específicos. Seguimos a tendência do momento. De repente, se a tendência é o zouk, abrimos um curso de zouk. Todas as terças e quintas-feiras oferecemos. São cursos de 3 meses.

O curso de dança de salão é dividido em níveis diferentes: básico, intermediário e avançado. Primeiro o aluno se matricula no básico no qual ele permanece aproximadamente por três meses, depois ele vai para o nível intermediário no qual fica por um período mais longo e depois vai para o avançado no qual fica pelo resto da vida. Tem muita coisa para aprender!

Infelizmente tem gente que com 1 ou 2 aulas de dança de salão já se acha o professor. É claro. Como não existe regulamentação, uma certificação para a dança de salão, não existe um órgão certificador ou um órgão que regule isso é claro que se você se disser um mestre de dança de salão mesmo com 2 aulas de dança de salão somente, você ‘vai’ ser o mestre. Não tem alguém que chegue e peça o comprovante que você é um mestre. Mas a tendência é certa, esse cara certamente vai ‘quebrar’ de qualquer forma. O cara pode enrolar um ou dois, por dois ou três meses, mas a pessoa não é tonta, o aluno não é besta. O aluno sente que o professor realmente não sabe. Então quando o professor tem conhecimento, tem técnica, o pessoal confia. É real, é visível essa credibilidade. E o professor quebra, não tem credibilidade e perde tudo aquilo. A gente fica triste quando vê alguém vendendo aquilo que não tem. Nós estudamos tanto, gastamos tanto dinheiro, dedicamos tempo, investimos para vender coisas de qualidade e a gente vê pessoas que só com 1 mês de aula vende o mesmo produto. O que me tranquiliza é que a gente preza coisa de qualidade.

E a contratação de profissionais? O que vocês procuram?

Análise de currículos mandados pelo site, em banco de dados e indicações. Tem a entrevista com o professor para definir horários, conversarmos sobre o estudo, qual a formação e depois tem a aula prática para analisarmos como o professor dá a aula.

Preocupamos-nos com a didática do professor. Não contratamos qualquer “pé de chinelo”. Tem que ser um pé de chinelo de qualidade! Os profissionais têm que ser bons. Não adianta ele saber dançar muito e não ensinar bem. A gente quer qualidade com os melhores profissionais que a gente encontra. Procuramos também profissionais com a cara da nossa escola, que é uma cara jovem, animada. As aulas têm animação! Procuramos pessoas com muito conhecimento e que saiba transmitir o conhecimento. Preferimos pessoas que não saibam dançar, mas saibam ensinar a aqueles que saibam dançar demais, mas não saibam ensinar, não tenham didática. Não vemos a necessidade de apresentar o CREF ou qualquer outra regulamentação vista a falta de regulamentação.

Antigamente ia ter uma faculdade de Dança de Salão no Rio. Isso faz algum tempo. Aproximadamente quatro anos (em 2004). Aí sim teríamos a graduação em Dança de Salão, mas, infelizmente não vingou...

Mensagem:

“Dance para se expressar, não para impressionar...”

e

“...E que seja perdido o único dia em que não se dançou...”

Anexo 6

1º Caso: Escola 1

Situação: É uma escola tradicional de Campinas. Trata-se de um sobrado onde foi adaptada uma escola de dança. Além da escola de dança, funciona em salas que da mesma casa dois escritórios de advocacia. Não aparenta ser uma construção muito recente. Vale ressaltar que a presença dos mesmos lá não influi no andamento das aulas.

Na fachada da casa podemos ver em letras grandes e bem pintadas o nome da escola. A pintura externa e a fachada da casa são bem agradáveis. A casa é composta por dois andares, contendo salas de aula em ambos.

É importante citar, aqui, que, no dia da visita, a escola estava no processo de realização de pequenos reparos a fim de melhorar o oferecimento dos serviços.

Localização: É bem localizada, em bairro próximo ao centro da cidade, próximo a pontos de ônibus e de fácil acesso. Situa-se próximo a uma avenida bem movimentada da cidade, na qual muitas linhas de ônibus passam. A rua é larga e bem movimentada.

a) Quanto à infra-estrutura da casa

Salas de aula: Conta com uma sala de aula bem grande, a sala principal, espaçosa e de formato irregular (não possui as formas tradicionais de sala de aula – retangular ou quadrada). Ao lado desta, existe uma sala de aula um pouco menor com espelhos também. Além dessas duas salas de aula situadas no andar superior, a escola conta com uma sala de aula menor no andar de baixo destinada para aulas particulares e, no mesmo andar, possui também uma outra sala grande na qual são realizadas aulas grupais, bem como nas duas supracitadas. As mais utilizadas são as salas maiores. Todas as salas de aula possuem espelhos. Na sala maior do andar inferior existe uma coluna no meio da sala o que dificulta o deslocamento dos alunos durante a aula. Todas são muito claras, limpas e bem ventiladas. A maior (do piso superior) possui ar-refrigerado, janelas de vidro amplas. Sobre o estado de conservação, todas as salas necessitam de pequenos reparos sejam eles quanto à pintura ou

desgaste do piso ou ainda algum tipo de deformidade no acabamento de gesso. As cores das paredes são alegres e, apesar de não serem somente brancas, dão um ar de claridade ao ambiente, tornando-o muito agradável.

Piso: Nas duas salas de aula superiores o piso é de paviflex (ou carpete de madeira) que são muito bons para aulas de dança de salão. Na sala destinada para aulas particulares, o piso é de carpete. Na última sala o piso é de revestimento cerâmico. Quanto à conservação, os pisos de todas as salas estavam bem conservados e apresentaram superfícies bem planas sem irregularidades.

Sobre a quantidade de casais por turmas, o responsável considerou que ele considera ser totalmente relativa ao tamanho da sala de aula. Comentou que uma sala pequena não comporta muitos casais. Para darmos a nota neste critério para a escola, consideramos uma “média” das salas.

Som: Sobre o som, em todas as salas de aula encontramos aparelhos de som bons e conservados. As caixas de som estavam bem distribuídas pelo espaço também. A Acústica também é boa em todas as salas. Apesar de não serem muitas caixas de som dispostas pelas salas, a propagação do som foi considerada ótima. Quando perguntamos pelas músicas, o responsável pela casa comentou que todos os professores possuíam seus aparelhos para trazerem as músicas. Quase todos levam suas músicas em seus laptops, conectando-o ao som para realizar as aulas. Consideramos que esse é um ponto muito positivo. As músicas dispostas em arquivos que contidos em pastas facilita a visualização do professor na hora da aula. Além disso, o professor pode, ao levar seu computador particular às aulas, trazer aos alunos algum vídeo ou outro material digital para facilitar o aprendizado. Consideramos a presença do computador na sala de aula como um ponto a mais, um fator que dá luxuosidade à aula.

Limpeza: Sobre a estrutura funcional de limpeza do local, consideramos que a escola pecou um pouco. Enquanto estávamos no vestiário da escola, o responsável que nos apresentou o espaço pediu-nos para que não “reparássemos na sujeira”. Justificou-se que estávamos numa segunda-feira de manhã e o último dia que a escola fora aberta foi o

sábado e, depois disso, a faxineira não tinha vindo à escola. Entretanto, no momento que cheguei para realizar a visita, estavam acontecendo duas aulas na escola simultaneamente. Como não mantê-la como um ambiente agradável, limpo enquanto está em funcionamento? Esse comentário fez com que notássemos a estrutura funcional de limpeza do local não é adequada. A escola não é mantida limpa o tempo todo. Se algum local foi considerado “limpo” em algum subitem foi simplesmente porque ele não foi sujo. Uma vez que o local foi sujo no sábado, ainda na segunda-feira pela manhã apresentou-se sujo, tornando o ambiente, assim, não tão agradável como ele poderia ser.

Vestiários: Quanto aos vestiários notamos que a escola apresenta 2 banheiros femininos e 2 masculinos, todos com mais de uma cabine, sendo um de cada gênero por andar. Todos são bem iluminados e ventilados. Não se apresentaram bem limpos no momento. Não apresentam armários nem duchas. Quando questionei sobre a presença de duchas, o responsável me salientou que não havia necessidade das mesmas uma vez que a escola não conta com uma “companhia de dança”, não existem pessoas que treinam na escola (...).

Estacionamento: A escola oferece estacionamento próprio localizado na frente da escola (em sua calçada). Não possui cobertura, porém são bem iluminados e bem conservados. Apesar de não existir manobristas, as vagas são grandes e bem sinalizadas.

Sala de Recepção: A escola conta também com uma sala de recepção pré-salas de dança com cadeiras e também uma espécie de loja com artigos específicos e algo similar a uma “lanchonete” (com artigos alimentícios, encontramos também geladeira específica para armazenar refrigerante e outras bebidas) – tudo no mesmo espaço. Encontramos que a função de “vendedora” dos produtos da “loja” é atribuída a mesma pessoa que tem a função de secretária. A recepção é uma sala pequena, bem iluminada, porém pouco ventilada. É um local mínimo porém agradável.

b) Quanto aos Profissionais

Quando perguntamos da formação dos profissionais, o responsável respondeu que nem todos são formados em Educação Física, porém todos para dar aula na escola, tomaram aulas com o professor responsável da casa para que todos falem “a mesma língua” para os alunos. Além disso, ele comentou, também, que todos realizam cursos de reciclagem / atualização / capacitação com regularidade. Contam com 12 profissionais. Além dos cursos realizados fora da escola (com profissionais renomados no país ou no exterior que são financiados pela escola na maioria das vezes totalmente ou algumas vezes parcialmente), os professores fazem reuniões regulares que funcionam como um grupo de estudo e um laboratório nas quais eles trocam informações e estudam, atualizando-se sempre.

Sobre a presença de monitores nas aulas, o responsável colocou que as aulas contam sempre com um casal de professores além de “alunos especiais”. Esses alunos especiais são bolsistas que ajudam o professor em sala de aula. O responsável contou que não atribui a terminologia “estagiário” porque, para este ser considerado como tal, o bolsista, segundo ele, deveria ter registro como estagiário, coisa que a escola não oferece. Entretanto, a escola também dá “suporte” aos bolsistas. A relação bolsista+professor / aluno não ficou clara. O responsável comentou: “Quantos bolsistas forem necessários”.

Por fim, sobre o contrato, o responsável coloca que os profissionais são contratados pela escola como autônomos e recebem uma porcentagem por aluno.

Pontuação alcançada: é 7,12, sendo então classificada como uma escola “Quatro Sapatilhas” – Superior.

Anexo 7

2º Caso: Escola 2

Situação: É uma escola nova em Campinas, porém, apesar de ter poucos anos de existência, já possui um grande renome. É uma casa adaptada para escola de dança. Na fachada da casa podemos visualizar um pequeno pedaço da sala de aula pela janela que se situa bem a frente do estacionamento. Além disso, visualizamos diversos banners e faixas com o nome da escola e propaganda da mesma. Apesar de ser apontada como escola específica de dança de salão, quando chegamos notamos que além de aulas de dança de salão a escola oferece aulas de ballet, jazz e outras modalidades.

Localização: Localiza-se próxima de duas referências muito famosas e conhecidas em Campinas. A rua não é muito movimentada. Fica próximo também de uma escola infantil e uma empresa. A rua não é muito larga. Não notamos pontos de ônibus na frente da escola, porém sabemos que nos pontos de referência supracitados existem pontos de ônibus e circulam diversas linhas urbanas também.

a) Quanto à infra-estrutura da casa

Sala de aula: Conta com uma sala de aula principal, na qual acontecem as aulas principais. É ampla e bem iluminada. Possui janelas e a porta de vidro por onde a luz externa passa. Nela encontramos espelhos e barras para a aula, materiais adicionais para dinamizar as aulas. Possui as paredes com pintura conservada e cores alegres que tornando o ambiente agradável e “descontraído”. Além da pintura, visualizamos um cartaz que divulgava o espetáculo que se realizará brevemente com os alunos e professores da escola.

Além desta sala principal, a escola conta uma sala menor, destinada às aulas particulares, que também é conservada, com pintura ótima, espelho e materiais adicionais para dinamizar as aulas.

Apesar de não possuírem ar refrigerado, ambas as salas são bem ventiladas. São limpas e precisam de reparos mínimos.

Quando perguntamos sobre a quantidade de casais por aula, os responsáveis pela escola comentaram que consideram que quanto maior a quantidade de casais menor a qualidade da aula. Então, para a aula manter a qualidade, eles preferem diminuir a quantidade de casais e aumentar o número de turmas. Porém, os mesmos salientam também que pretendem mudar brevemente pelo fato de que a escola já não está mais dando conta da demanda.

Piso: Em ambas as salas encontramos o piso mais recomendável para aulas de dança: assoalho de madeira. Em ambas também eles estavam bem conservados e bem limpos .

Som: A sala principal, apesar de ser a maior sala, ela não era muito grande. O aparelho de som é novo e bem conservado e as caixas de som, em ambas as salas, estão bem distribuídas pela sala.

Limpeza: a escola mostrou todos os aposentos bem limpos. Além disso, demonstrou possuir uma ótima estrutura de limpeza.

Vestiários: A escola apresentou vestiário feminino e masculino, ambos com apenas uma cabine (vaso sanitário), porém os dois possuíam duchas e estavam bem limpos. São bem iluminados e ventilados.

Estacionamento: A escola dispõe de estacionamento próprio, porém possui poucas vagas não cobertas e as mesmas são apertadas. Ótima conservação.

Recepção: Ao entrar na escola nos deparamos com algumas mesas e cadeiras ao redor delas que classificamos como “local de espera”. Existe também uma sala de recepção agradável, bem ventilada e iluminada com pessoas que responsáveis pelo atendimento. Neste mesmo ambiente, encontramos algo similar a uma “lanchonete” com artigos

alimentícios, geladeira específica para armazenar refrigerante e outras bebidas. Além desta recepção, num outro cômodo da casa, encontramos uma pequena loja de artigos específicos muito bem estruturada com a presença, inclusive, de um “vestiário”. Somando-se a todos esses espaços, entre as duas salas de aula, podemos encontrar uma “sala de espera” com “almofadões” confortáveis e coloridos, nos quais os alunos podem descansar, esperar ou mesmo se descontraírem. Obs: Todos os espaços supracitados foram considerados limpos, bem iluminados e bem ventilados.

b) Quanto aos Profissionais

Nesta escola os próprios donos são os professores de dança de salão. Coletamos dos dados somente dos professores de dança de salão. Ambos não possuem graduação específica. São formados em administração. Entretanto, ambos possuem formação específica em dança e em formação específica em mais de um ritmo de dança de salão.

Apesar de não citarem a presença de estagiários / monitores nas aulas, se demonstraram preocupados com a qualidade das aulas em relação à quantidade de alunos. Consideram que quanto maior a quantidade de alunos menos atenção eles poderão dar individualmente a cada um.

Para capacitar-se ambos freqüentam cursos de atualização, capacitação e de reciclagem regularmente. Citam que se revezam para participar dos cursos e, sempre eles socializam os conteúdos entre si. Disseram que se revezam para que as aulas não cessem. Dessa maneira, consideramos que os mesmos se preocupam com o fato de participarem dos cursos e a escola, então, oferece meios para que os mesmos os freqüentem. Ainda sobre as aulas, comentaram que cada um possui a sua turma, seus próprios alunos.

As formas de contrato, eles não citaram nada por não empregarem nenhum professor de dança de salão – eles mesmos são os professores.

A pontuação alcançada foi de: 7,5 , sendo classificada como escola de dança de salão “4 Sapatilhas” – Superior.

Anexo 8

3º Caso: Escola 3

Situação: A construção trata-se de um sobrado no qual a escola fica no andar superior. Embaixo da escola, situa-se uma casa noturna de dança de salão. Aparenta ser uma construção recente. Na fachada da escola / casa noturna, podemos avistar o nome de ambos bem visível.

Localização: Apesar de não se localizar num bairro próximo ao centro da cidade, localiza-se numa avenida que dá acesso às rodovias próximas. Possui pontos de ônibus muito próximos. A via que por ela passa é bem larga e bem movimentada. É de fácil acesso de carro ou de ônibus.

a) Quanto à infra-estrutura da casa

Sala de Aula: Ao adentrarmos no espaço da escola de dança de salão, entramos na sala de aula. Não existe um espaço de recepção prévio.

Possui duas salas de aula grandes, bem limpas, conservadas com o piso bem liso e plano. As salas são bem iluminadas, muito bem ventiladas e sem necessidade de reparos (ou necessidade de reparos mínimos). Em uma das salas encontramos uma espécie de sala de recepção que se situa ao fundo da sala. Entretanto, em ambas as salas podemos encontrar mesas e cadeiras para descanso ou espera dos alunos antes, durante ou depois da aula, o que torna o ambiente ainda mais agradável. Possui espelhos.

Piso: Apesar do piso não ser nem de assoalho ou carpete de madeira (era de cimento queimado com um revestimento específico), ele se mostrou muito adequado para as aulas de dança de salão.

Som: Os equipamentos de som estão em ótimos estados de conservação, as caixas de som estão bem dispostas pela sala. A acústica é boa.

Limpeza: A escola é pequena. Conta somente com as duas salas de aula, os vestiários e a “recepção”. Não possui muitos ambientes. Dessa maneira, manter a escola limpa não é muito difícil. Todos os ambientes se mostraram com ambientes muito limpos e a conservação da limpeza se mostrou ótima.

Vestiários: São vestiários simples. Um par de vestiários em cada sala de aula. Ambos muito limpos.

Estacionamento: O estacionamento é próprio sem manobrista. É iluminado, não é coberto e as vagas são amplas. Além disso, são bem conservados.

Sala de recepção: Apesar da escola não possuir uma sala de recepção prévia à sala de aula, na sala de aula encontramos mesas para esperar na qual podemos observar as aulas que acontecem. Existe, em uma das salas, como mencionado, um local no qual existe uma espécie de lanchonete (local com artigos alimentícios) e também uma pequena loja com poucos artigos específicos de dança de salão. Neste mesmo local são resolvidos os problemas relativos à matrícula, pagamentos e qualquer outra informação que o aluno / visitante possa vir a solicitar.

b) Quanto aos profissionais

O responsável pela escola cita que dois dos professores são graduados em Educação Física. A escola conta com 4 professores, sendo que todos eles são estimulados pela mesma à capacitar-se. Além disso, o responsável pela escola comenta que todos os professores antes de serem “contratados” como tais, fazem aulas específicas com ele para aprender o jeito de dar aula, a linguagem adotada pela escola, para apropriar-se das melhores maneiras de ensinar os passos, enfim, “aprenderem a ser professores”.

Quando perguntei sobre a presença de monitores nas aulas, ele comentou que em todas as aulas existem bolsistas que ajudam os professores. Comentou também que normalmente esses bolsistas são aspirantes à professores.

Pontuação Alcançada: 6,83 sendo então classificada como uma escola “Quatro Sapatilhas” – Superior.

Anexo 9

4º Caso: Escola 4

Situação: Trata-se de uma escola nova em Campinas. É uma casa comum na qual foi adaptada uma escola de dança. Na fachada da casa, não existem letreiros ou grandes pinturas anunciando a escola – vemos apenas uma pequena faixa com o nome. Ela se caracteriza como “Espaço Cultural”. Além das aulas de dança, promove eventos como festas típicas.

Localização: Se localiza num bairro de um sub-distrito de Campinas. Apesar de ser um pouco distante do centro do sub-distrito, é bem localizada por estar ao lado da moradia estudantil da Unicamp, por onde passa diversas linhas de ônibus, inclusive o circular interno da Universidade Estadual de Campinas.

a) Quanto à infra-estrutura da casa

Sala de Aula: A escola dispõe de 1 sala de aula principal e duas salas de aula menores. Todas as salas se caracterizam por serem muito limpas, bem conservadas, muito bem iluminadas e ventiladas. Todas as salas dispõe de espelhos e outros materiais para dinamizar as aulas.

Piso: Duas das salas (a principal e uma das salas menores – que é direcionada às aulas particulares) possuem pisos de assoalho de madeira bem conservados. A outra sala menor possui piso de revestimento cerâmico. Entretanto, quando perguntei para o responsável porque somente naquela sala não havia assoalho de madeira ele me respondeu dizendo que a intenção era realizar, mais para frente, aulas de outras modalidades como a dança do ventre, ioga, entre outras.

Som: As aparelhagens de som das salas são bem conservadas e as caixas de som estão bem dispostas pelo espaço. A acústica é ótima.

Limpeza: A escola também se caracteriza por não ser muito grande e todos os espaços apresentaram-se muito limpos. A estrutura funcional de limpeza também é boa sempre que algum local é sujo, em seguida ele é limpo.

Vestiários: Não encontramos armários nos banheiros. Eles são comuns – não existe divisão por gêneros. Dentro dos banheiros existe um local com ducha aquecida. Eles se caracterizaram por serem muito limpos, cheirosos e agradáveis.

Estacionamento: A escola dispõe de estacionamento próprio, caracterizado como uma garagem, porém com poucas vagas. Entretanto, o número de vagas não pareceu grande problema uma vez que dificilmente acontece mais que uma aula por vez e são poucos casais que freqüentam as aulas simultaneamente. Parte das vagas fica em locais cobertos e parte em local aberto, porém, todas elas se situam dentro do espaço da casa.

Sala de recepção: Logo que chegamos, nos deparamos com uma sala de espera muito agradável com sofás confortáveis, água fresca, balinhas e artigos específicos de dança para vender. Nesta sala, também, encontramos uma recepcionista. É uma sala bem iluminada, bem conservada e com ótima ventilação.

b) Quanto aos profissionais

Quanto aos profissionais da escola, todos eles, senão a maioria tem graduação ou especialização em algum ritmo específico. Todos, também, além dessa formação prévia participam de cursos de capacitação, reciclagem ou atualização regularmente, entretanto o mesmo não é pago ou facilitado pela escola.

O contrato é informal – somente verbal. Sobre a presença de estagiários, o responsável conta que eles existem, porém ressalta que a escola prefere que as aulas aconteçam em números menores para que se mantenha e/ ou aumente a qualidade da aula, para que os professores presentes na aula possam sempre atender da melhor maneira os alunos.

A pontuação alcançada foi de: 7,63, sendo classificada como escola de dança de salão “4 Sapatilhas” – Superior.